

RÚBEN NEVES DA SILVA VILAS BOAS

CO-ORIENTADORES: PROF. DR. JOSÉ FERNANDO GONÇALVES E ARQ.º RUI LOBO

A RUA LARGA DE COIMBRA

DAS ORIGENS À ACTUALIDADE



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO INTEGRADO EM ARQUITECTURA

DEPARTAMENTO DE ARQUITECTURA DA FCTUC

DEZEMBRO DE 2010



Rua Larga – século XX

Agradecimentos:

Arq.º Rui Pedro Mexia Lobo, pelo interesse, empenho e grande disponibilidade para ajudar e orientar o trabalho.

Prof. Dr. José Fernando Gonçalves por ter aceite ser co-orientador.

Prof.ª Cátia Marques, pela cedência de documentos digitalizados da CAPOCUC.

Prof.ª Dr.ª Ana Paula Santana Rodrigues, pelo empréstimo de livros e vídeo.

Prof.ª Maria João Simões pela cedência de documentos digitalizados da DGEMN.

Escola Básica Drª Maria Alice Gouveia, pelo empréstimo prolongado de livros.

Prof. Jorge de Alarcão pela disponibilidade em prestar esclarecimentos.

Prof. António Pimentel pela disponibilidade em prestar esclarecimentos.

Arq.º Carlos Martins, pela cedência de imagens.

Centro de Cópias L.j.c.r. pelos ótimos serviços prestados.

Agradeço também à minha Mãe, ao meu Irmão, ao Tiago Nunes, Maria Eduarda, Catarina Miranda, Ana Brett, às minhas fisioterapeutas Sara e Marina, à Sandra, ao Dr. Páscoa e ao Dr. Dionísio. Sem vocês teria sido bem mais difícil.

Abreviaturas:

CAPOCUC – Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra

CIDUC – Centro de Interpretação e Divulgação da Universidade de Coimbra

DGEMN – Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais

FBNRJ – Fundação Biblioteca Nacional Rio de Janeiro

GCI – Gabinete de Comunicação e Identidade

UC – Universidade de Coimbra

Sumário

Agradecimentos, abreviaturas	I
Introdução	3-9
1: Origens	10-15
2: 1377 – A cidade medieval	16-23
3: 1678 – Os Colégios Universitários	24-33
4: 1799 – As reformas e projectos do século XVIII	34-39
5: 1934 – O legado de vários séculos	40-47
6: 1966 – O projecto da Cidade Universitária	48-53
7: 2010 – A actualidade	54-58
Documentos gráficos:	
A: 1377 – A cidade medieval	59-64
B: 1678 – Os Colégios Universitários	65-70
C: 1799 – As reformas e projectos do século XVIII	71-76
D: 1934 – O legado de vários séculos	77-82
E: 1966 – O projecto da Cidade Universitária	83-88
F: 2010 – A actualidade	89-94
Conclusão	95-98
Bibliografia	99-104
Fontes das imagens	105-108
Índice	109

Introdução

O objectivo principal desta investigação foi fazer uma reconstituição gráfica da Rua Larga, em Coimbra, ao longo dos tempos, desde as suas origens até à actualidade.

As razões que levaram à escolha deste tema são resumidamente duas. Por um lado o ter nascido e vivido em Coimbra, e querer descobrir mais sobre a minha cidade. Por outro, o interesse pelo carácter histórico e evolutivo da arquitectura que é possível analisar e expor na investigação desta rua, que se considera ser um caso especial.

Existem já feitos vários estudos sobre Coimbra, a Alta e a Baixa da cidade, e edifícios na Rua Larga. Alguns são visões orientadas para edifícios ou arquitecturas específicas, como por exemplo a análise de António Pimentel do Paço Real / Paço das Escolas, enquanto outros se debruçam sobre determinadas épocas e sobre a escala da cidade, como as de Jorge de Alarcão em “Coimbra, a montagem do cenário urbano” ou Walter Rossa em “Diversidade”, que focam a urbe até aos séculos XIII e XVI, respectivamente.

Não foi encontrada bibliografia específica sobre “Ruas Largas”, tendo-se constatado não ser um topónimo muito comum em Portugal. No entanto esta designação encontra-se, por exemplo na antiga Rua Larga de S. Joaquim¹ no Rio de Janeiro (século XVIII), ou na equivalente *Broad Street*² em Oxford (século XVI). Já Luísa Trindade, na sua tese “Urbanismo na composição de Portugal” estuda os processos de formação das cidades na Idade Média fazendo referência às ruas Nova de Lisboa e do Porto (abertas no século XIV)³ que poderiam bem ter-se chamado Ruas Largas, pois a largura era o que as destacava das outras.

A Rua Larga, embora seja referida em várias obras, ainda não teve uma abordagem própria. Sendo assim, este trabalho justifica-se pela importância desta na cidade, mais propriamente na Almedina. É um eixo estruturador da Alta de Coimbra que, talvez remontando ao tempo da ocupação romana, tem sofrido permanentes e profundas transformações até aos dias de hoje. Ao longo desta via estabeleceram-se edifícios notáveis, de diferentes funções, escalas, relacionando-se de modos diferentes com a Rua, que foram construindo e alterando a sua identidade.

¹ RABAÇA Carlos, SERRA M. V. – Rua Larga. 2009.

² Broad Street, Oxford [Em linha] [actual. 2010] Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Broad_Street,_Oxford

³ TRINDADE, Luísa – Urbanismo na composição de Portugal. 2009. p. 175, 715



Fig. 1 – *Broad Street*, Oxford, referenciada no século XVI.



Fig. 2 – Rua Larga de S. Joaquim, com 20 metros de largura aberta em 1763, Rio de Janeiro.



Fig. 3 – Reconstituição da Rua Nova do Porto, com 19 metros de largura aberta em 1395.

Se em alguns casos, o objectivo é compor uma imagem da Rua através da recolha e reunião de material já conhecido, noutros espera-se formular hipóteses mais ou menos especulativas de como seria a realidade. No caso de reconstruções como a do século XVIII, ou do projecto integral da Cidade Universitária do Estado Novo, a questão que se coloca é de como poderia ter sido, caso alguns projectos tivessem sido realizados.

Conseguindo obter um alargado conjunto gráfico com valor documental, serão lançadas pistas para uma compreensão mais aprofundada sobre esta parte da cidade. O resultado final poderá ser de interesse, não só para pessoas ligadas à Arquitectura e História, mas também para a população de Coimbra, pondo a descoberto mais um pedaço da sua cidade.

Através da análise de fotografias, desenhos e textos, produziram-se elementos gráficos rigorosos que proporcionam uma visão de conjunto da Rua Larga.

Para a análise do objecto de estudo, a Rua Larga, foi necessário estabelecer limites temporais e geográficos.

Em termos espaciais, é abrangida a Rua Larga nas suas diferentes identidades e o conjunto edificado que a caracteriza. No entanto, é importante ter em conta os espaços de continuação, que se articularam e articulam com a rua, marcando o seu início e fim. De um lado temos a Ladeira do Castelo, nome ainda usado no século XX⁴, ao acesso sudeste que ascende à cidade, e mais tarde, a Praça D. Dinis e as Escadas Monumentais. Do outro, num *plateau* sobranceiro ao Rio Mondego temos o Paço das Escolas, outrora Paço Real e Alcáçova.⁵

O foco cronológico escolhido foi entre 1377 e a actualidade (2010), contudo, no primeiro capítulo do corpo principal, (1 – Origens) faz-se referência a tempos anteriores, onde esta via terá tido a sua génese. Assim, desde o século XIV até hoje, quer-se focar a Rua Larga nas suas fases mais características, correspondentes aos capítulos apresentados.

Nos capítulos do corpo principal, além de haver uma pequena análise de base documental, são feitos desenhos representativos da Rua na respectiva época, nomeadamente perfis norte e sul, plantas de cobertura, plantas dos pisos térreos e plantas de funções urbanas. Estes elementos, especialmente os perfis, aqui expostos em altura de tamanho A4, são passíveis de serem reproduzidos num tamanho superior, dado o pormenor que lhes foi atribuído.

⁴ Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p. 15

⁵ JORGE, Filipe, BANDEIRINHA, José António – Coimbra vista do Céu. 2003. p. 16

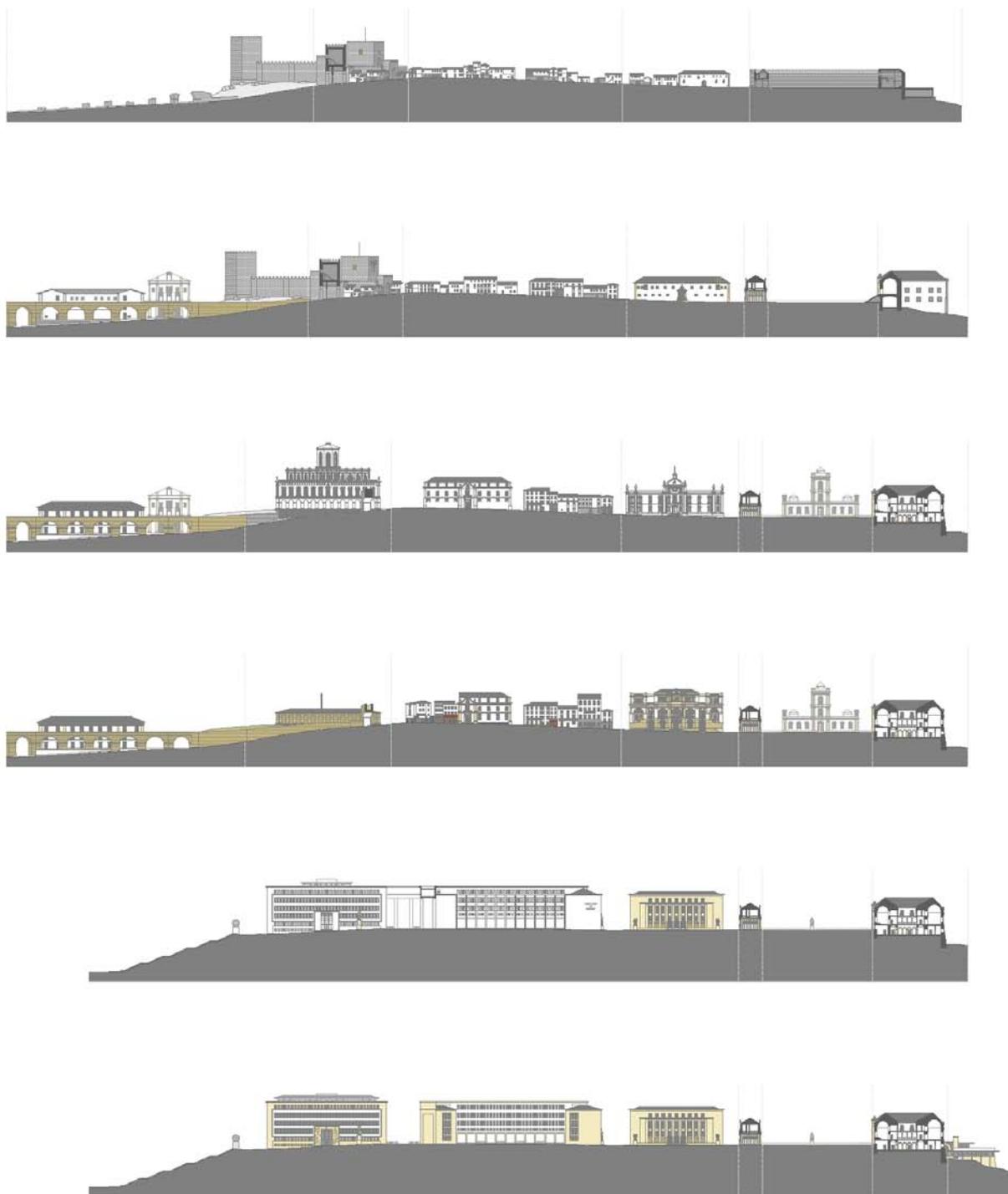


Fig. 4 – Miniatura dos perfis Sul da Rua Larga. De cima para baixo: 1377, 1678, 1799, 1934, 1966, 2010.

Para os documentos gráficos foi adoptado um critério de representação diferente consoante os objectos representados. As representações exactas ou muito próximas da realidade estão a cor; aquilo em que há reservas quanto à sua verosimilhança está em escala de cinzentos e os projectos de edifícios são representados apenas em linhas.

Cada momento histórico estudado dá-nos uma identidade diferente da Rua, que se traduz na evolução da arquitectura dos edifícios, na sua escala, tipologia e também na morfologia dos espaços exteriores. As datas para cada caracterização foram escolhidas de acordo com acontecimentos específicos que marcaram a Rua Larga.

A representação da Rua à data de 1377, dá-nos uma ideia bastante especulativa de como terá sido o aspecto urbano do local, menos monumental, antes das mudanças significativas que se deram séculos depois. Os edifícios que marcariam a Rua Larga seriam o Castelo, o Paço Real reformado por D. Afonso IV e os Estudos Gerais mandados edificar por D. Dinis⁶. A Alta, com a presença da Universidade, seria predominantemente habitacional e comercial.

Nos séculos XVI e XVII, surgem ao longo da Rua Larga vários colégios universitários. Alguns foram transferidos da Rua da Sofia e por vezes de início, funcionaram em habitações.⁷ Os Colégios: Real de S. Paulo, S. Pedro, S. João Evangelista, S. Boaventura, S. Jerónimo e de S. Bento, constituíram parte do núcleo universitário que se situava na Alta de Coimbra, dos quais se pretende mostrar o seu aspecto original. Foi escolhido o ano de 1678, quando se deu a conclusão do Colégio de S. Boaventura.

O século XVIII, destacou-se pela execução de obras como, a Via Latina, a Biblioteca ou a Torre da Universidade no Paço das Escolas, mas também por projectos que não foram concluídos ou sequer começados, como o Observatório ao Largo do Castelo, o Colégio de S. Paulo Eremita, ou o Colégio de S. Paulo de Giacomo Azzolini. Em 1799, concluído o Observatório Astronómico no Pátio das Escolas, e na sequência da Reforma Pombalina, é imaginada uma Rua Larga, pontuada tanto pelos edifícios consumados, como pelos idealizados.

Quanto ao início do século XX, embora não se trate de uma época que se tenha destacado por grandes alterações, representa e acumula a história, que dentro de pouco tempo, será apagada. No ano de 1934, cristalizado na Planta Topográfica de Coimbra, muitos edifícios, quer habitacionais,

⁶ VASCONCELOS, António de – Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana. 1938-41. vol. 1.

⁷ VASCONCELOS, António – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. – p. 91

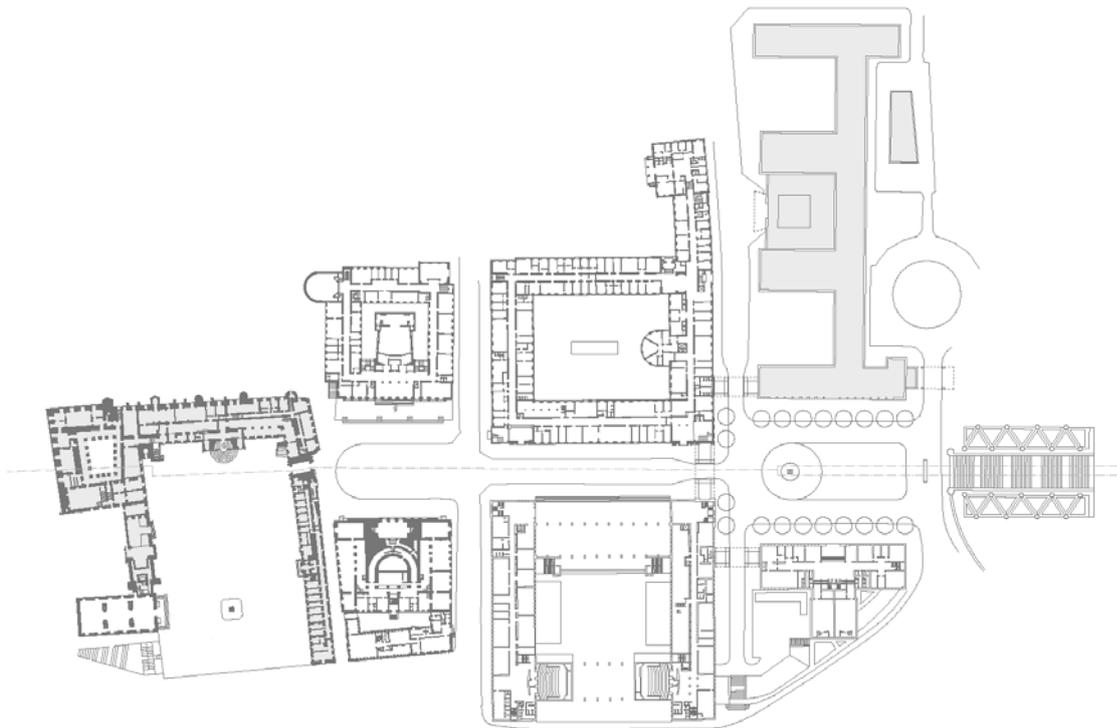
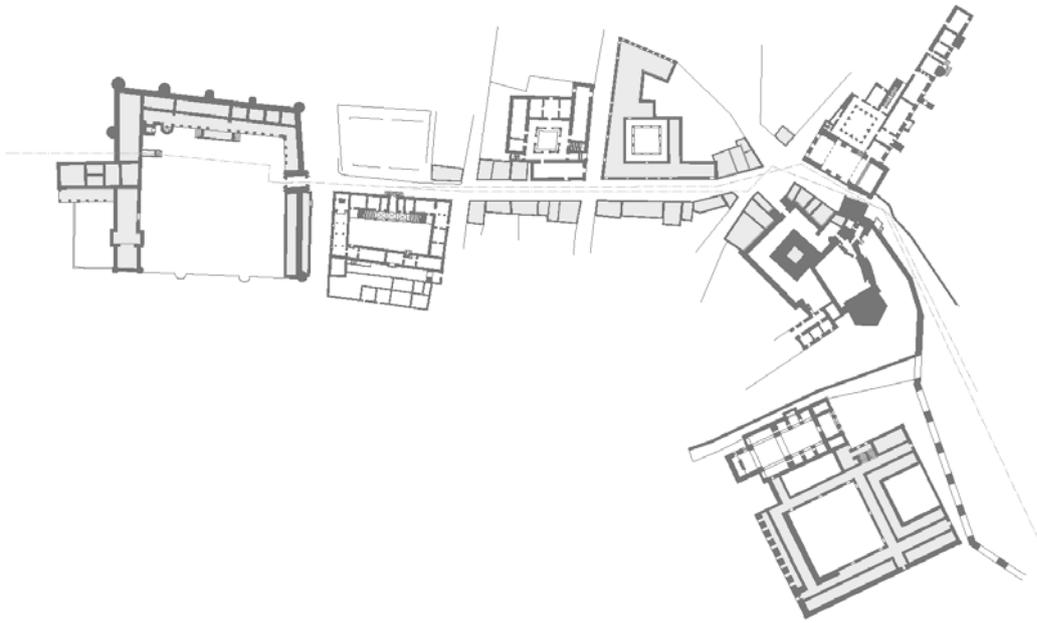


Fig. 5 – Miniatura das plantas dos pisos térreos da Rua Larga. 1678 em cima, projecto da Cidade Universitária em baixo.

quer de outros tipos, tinham atravessado séculos e chegaram até aqui mais ou menos alterados. Nesta altura, a Rua Larga era palco de uma vida intensa, fruto da diversidade de actividades aí desenvolvidas: comerciais, habitacionais, lazer, ensino.

A variedade de estilos arquitectónicos foi suprimida pela construção da Cidade Universitária do Estado Novo. Com o plano de Cottinelli Telmo, responsável pela revolução urbanística realizada ao longo dos anos 40 a 70⁸, a Alta de Coimbra e a Rua Larga mudaram a sua identidade. A última mudou a sua configuração, não só no alinhamento como na largura, comprimento e elevação. Instalaram-se grandes edifícios de aulas, regulados por um plano geométrico, axial, monumental, numa estética representativa do regime de então. Contudo, o conjunto como se vê no Plano Geral dos anos 50/60 e no perfil de 1966, não foi realizado na sua totalidade. A construção do novo hospital no local do Colégio de S. Jerónimo e dos pórticos a ligar os vários edifícios em torno da Praça D. Dinis dariam ao espaço um carácter bastante diferente do que existe. Finalmente a Rua é representada na actualidade (2010).

A informação necessária para esta investigação foi recolhida em livros, mas também em processos de arquivo, desenhos e até pela observação directa no local. Também foram pedidos esclarecimentos adicionais a alguns autores como Jorge de Alarcão e António Pimentel.

O registo fotográfico do livro “A Velha Alta... desaparecida” foi de extrema importância, não só para a reconstituição da Rua na data de 1934, pois também dá pistas para épocas anteriores.

Outras obras importantes são as de António de Vasconcelos, que escreveu sobre os Colégios Universitários de Coimbra, e Nuno Rosmaninho sobre a Cidade Universitária do Estado Novo. Já Walter Rossa ou Jorge de Alarcão analisam a evolução geral da cidade de Coimbra; António Pimentel estudou o Paço Real e a sua transformação desde as origens até ao estabelecimento da Universidade. Estas obras, embora visem assuntos mais abrangentes ou mais específicos, quer no espaço, quer no tempo, juntas, contribuíram com informação essencial para a análise da Rua Larga.

Dado o assunto do trabalho, praticamente toda a bibliografia foi consultada em Coimbra: Biblioteca Geral e Arquivo da Universidade de Coimbra, Biblioteca Municipal, bibliotecas de alguns departamentos da Universidade de Coimbra e Museu Machado de Castro.

⁸ ROSMANINHO, Nuno, outros – Evolução do Espaço físico de Coimbra. 2006. p. 75-76

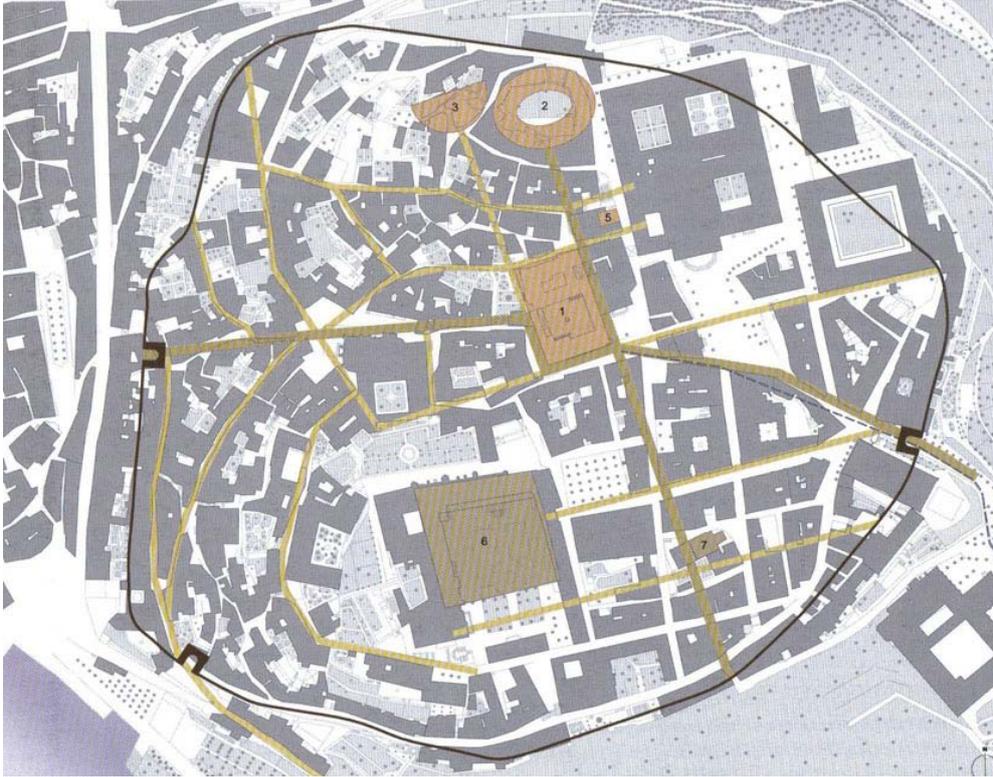


Figura 6 – Possíveis arruamentos de *Aeminium*, Jorge Alarcão

1: Origens

Uma das primeiras referências à via urbana em estudo, actualmente chamada Rua Larga, data do século XIII. Era a que, em 1262, D. Afonso III designava por “*via publica que vadit de meo alcaçar ad Portam Solis*”.⁹ Em 1374 é identificada por “Rua da Alcáçova que vai para o Castelo”. Já em 1511 aparece-nos como Rua da Alcáçova. Todavia, na documentação conhecida, só nas décadas depois de consolidada a instalação definitiva da Universidade de Coimbra (1537), é que este percurso começa a surgir designado por Rua Larga. Mesmo assim, em 1603, a rua era ainda designada por expressões como “rua que vai das Escolas Gerais para o Castelo”.¹⁰

Como se percebe, era prática normal, desde tempos medievais, que o nome das ruas reflectisse a sua função, as actividades económicas aí desenvolvidas, nomes de edifícios importantes como igrejas ou castelos, ou qualquer outra particularidade.¹¹ Em Coimbra existem ou existiram vários exemplos desses: a Rua da Moeda ou a Rua Direita (directa) na Baixa, e na Alta a Rua dos Lóios ou a Rua dos Estudos. Sendo assim, a Rua Larga recebeu este nome, pois seria na época a rua mais larga da parte elevada da cidade, como se explicará melhor, mais à frente no trabalho. Não é de surpreender, por isso, que haja inúmeras “Ruas Largas” em todo o mundo.

Apesar dos primeiros registos documentais surgirem na Idade Média, presume-se que este eixo tenha origens bem mais antigas, possivelmente romanas.¹² Assim é essencial perceber como a situação geográfica, as sucessivas ocupações e os edifícios mais importantes, contribuíram para o aparecimento deste eixo.

O espaço onde se viria a desenvolver o núcleo da cidade romana *Aeminium*, era já habitado antes. Contudo, pouco se sabe sobre esse povoado, que em pouco se pareceria com uma cidade. A cidade nasceu com os romanos.¹³ O lugar escolhido, uma forma de mamoa gigante, que veio sendo aplanada no topo pela erosão e pelo Homem possui vertentes vincadas a norte, a oeste e a sul, e um acesso mais suavizado a leste.¹⁴

⁹ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 114

¹⁰ ROSSA, Walter – Diversidade. 2001. p. 806

¹¹ Gropecunt Lane [Em Linha] actual. 2010. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Gropecunt_Lane

¹² ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 14

¹³ *Ibidem*. p. 11

¹⁴ JORGE, Filipe, BANDEIRINHA, José António – Coimbra vista do Céu. 2003. p. 15

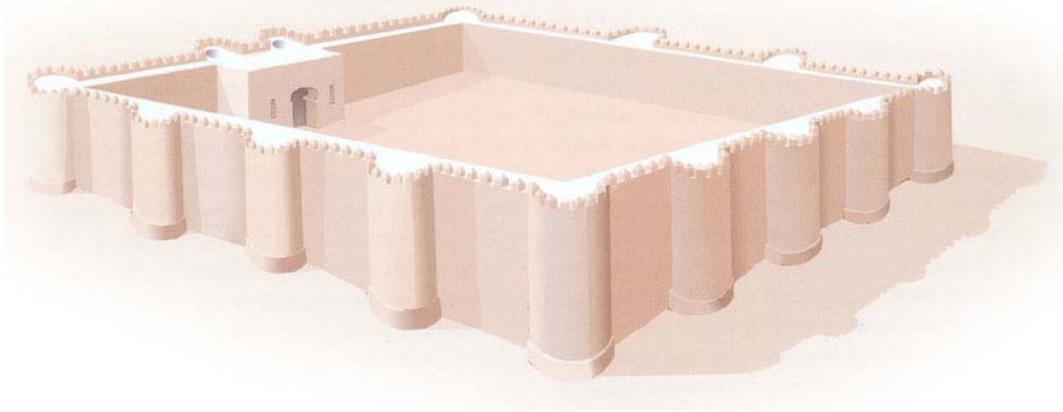


Figura 7 – Reconstituição do Alcácer, de António Pimentel.

É precisamente a partir deste ponto, ligando a entrada na cidade à parte oeste do “morro”, que pode ter havido um arruamento correspondente, com alguma diferença à Rua Larga que nos chegou até ao início dos anos 1940. Na imagem de Jorge Alarcão pode ver-se os arruamentos da cidade de *Aeminium*, sendo um deles, mais ou menos coincidente com a Rua Larga. Segundo este, não será improvável, que, sendo romano, este alinhamento constituísse um eixo ao longo do qual se terão disposto algumas das *domus* das principais famílias da cidade.¹⁵

Após a ocupação suevo-visigótica, vieram os muçulmanos, e mais tarde, os cristãos e a fundação da nacionalidade. Na presença dos dois últimos surgem, então, construções que vão definir com maior clareza os pontos de amarração da, futuramente, Rua Larga. Durante o domínio árabe foi construído o Alcácer. Este poderá datar de meados do século VIII, após a conquista árabe por Abdul Aziz, mas também tem sido atribuída a sua construção a Almançor, em 994. A evolução arquitectónica da Alcáçova, com as suas torres circulares e cubelos, resultava na mais notável expressão de arquitectura militar, porventura de toda a península Al Andaluz.¹⁶ Esta estrutura, um vasto quadrilátero, com cerca de 80 metros de lado, cujas bases das torres ainda hoje se observam, possuía a entrada a oriente, onde hoje se situa a Porta Férrea.¹⁷ Viria depois, a transformar-se em Paço ou Palácio Real, e mais tarde, na morada da sabedoria.

Em oposição ao ponto de entrada na Alcáçova, situava-se o ponto de entrada na cidade: a Porta do Sol e o Castelo. E assim, a ligar a porta da Alcáçova à porta do Castelo temos a via descrita por D. Afonso III, referida anteriormente. Um percurso com mais de 240 metros de comprimento, subindo suavemente de oeste para este e depois descendo, que daqui para a frente viria a sofrer maiores ou menores alterações, decorrentes da construção e reconstrução dos edifícios que foram estabelecendo os seus limites.

¹⁵ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 14

¹⁶ Coimbra Rota da 1ª Dinastia parte4: “Aqui se fez Portugal”. [Em Linha] 2009. Disponível em: http://www.rotas.turismodecoimbra.pt/visita_guiada.html

¹⁷ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 72

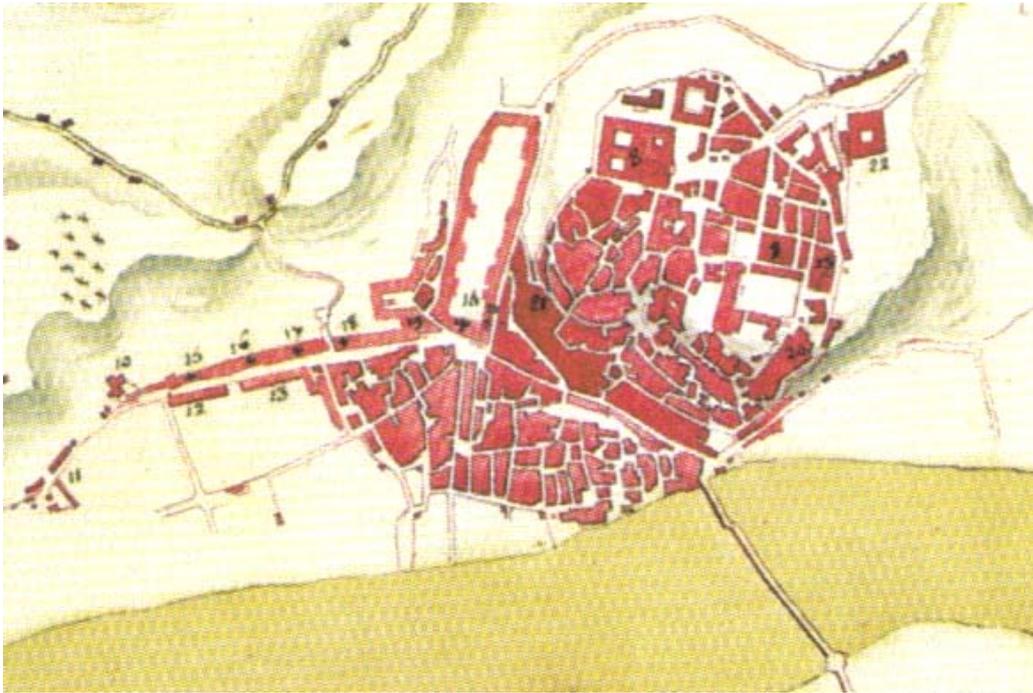


Figura 8 – Excerto de planta de Coimbra de finais do século XVIII, autor desconhecido.

A Rua Larga, situada na parte alta da cidade, a Almedina, foi ao longo dos tempos, um dos eixos mais importantes e estruturadores deste espaço. Todavia, esta área da cidade foi oscilando em termos de importância quanto às actividades aí desenvolvidas pela população.

À medida que as ameaças almóadas deixavam de ser um problema para a cidade, esta, que já tinha galgado a muralha, foi progressivamente escorregando em direcção ao rio. Assim se terá consolidado, no arrabalde, o principal sistema urbanístico da cidade – a Praça Velha e a actual Rua Ferreira Borges – que concentravam a maior parte da produção artesanal e comércio da cidade.¹⁸ A parte baixa da cidade, animada pelo florescimento da burguesia e pela dinâmica trans-urbana que a importante via Lisboa - Braga proporcionava¹⁹, contrastava com uma certa estagnação da parte alta, de difícil acesso e cada vez mais despovoada.

Para contrariar esta tendência, foram vários os reis portugueses que procuraram inverter a situação, nomeadamente D. Dinis e, mais tarde, outros monarcas como D. João III, que através da instalação de edifícios de ensino universitário e habitações para os estudantes foram dando nova vida à alta de Coimbra e consequentemente à Rua Larga.²⁰

¹⁸ ROSSA, Walter – *Diversidade*. 2001. p. 423-426

¹⁹ *Ibidem* p. 429

²⁰ *Ibidem* p. 504, p.512

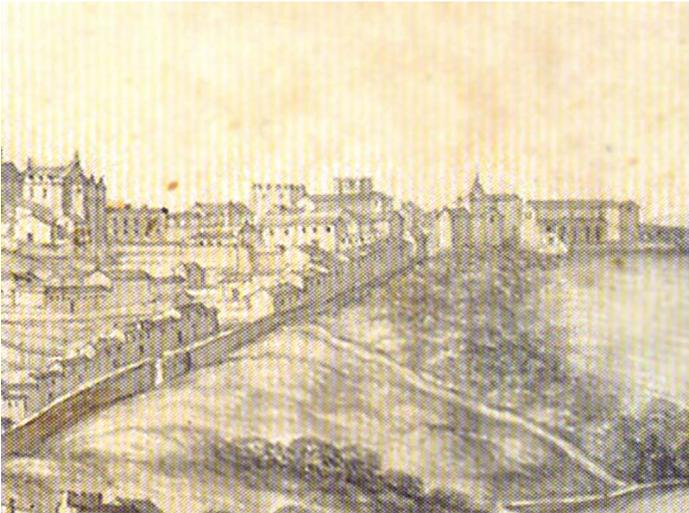


Fig. 9 – Fragmento do desenho de Baldi, onde se observam as torres do castelo, 1669

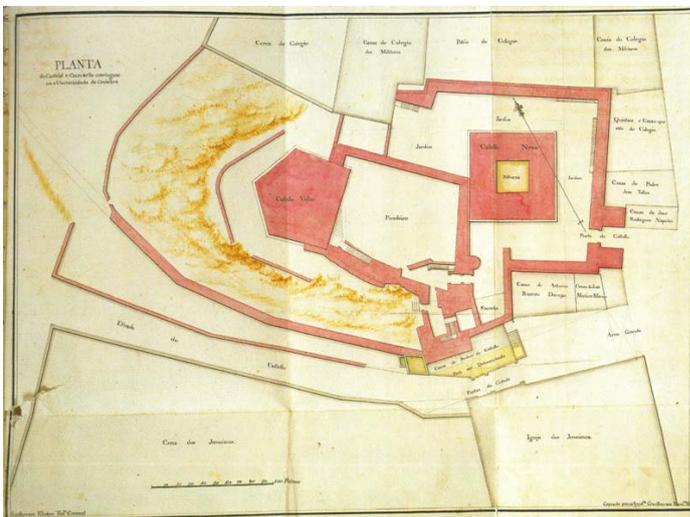


Fig. 10 – Planta do Castelo de Coimbra e espaços envolventes, Guilherme Elsdén, 1772

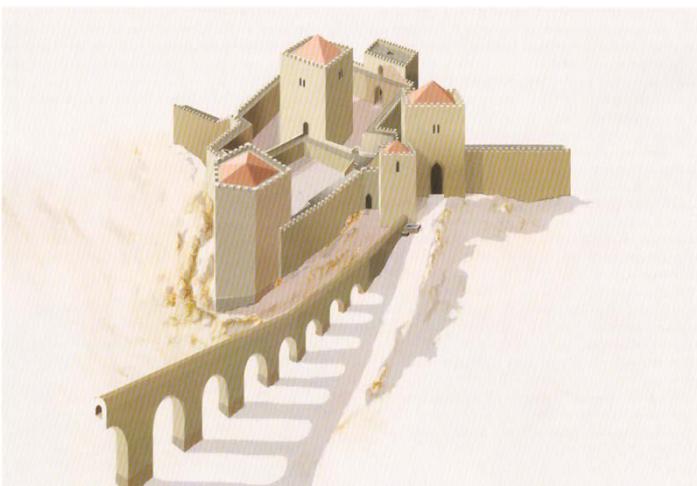


Fig. 11 – Reconstituição do Castelo de Coimbra, Jorge Alarcão

2: 1377 – A cidade medieval

Numa altura em que a via estudada ainda não tinha a designação de Rua Larga, pois provavelmente a largura ainda não seria um factor relevante de diferenciação das outras, o Castelo e a Residência Real, dominavam pela sua escala o conjunto urbano da parte alta da cidade.

Nesta época, as últimas obras de carácter defensivo no Castelo já teriam sido realizadas e este era o último ano em que a Universidade estaria em Coimbra,²¹ para depois só regressar em 1537. Os Estudos Gerais marcavam presença perto do Paço Real, mas apesar desta excepção, o eixo seria estruturado pelo medieval aglomerado habitacional e talvez alguma actividade comercial.

Parte do castelo foi edificada por D. Afonso Henriques e D. Sancho I, nos séculos XI e XII.²² A Porta do Sol, voltada a nascente, é referida em documentos do tempo de D. Sesnando, em 1087/88.²³ Esta teria em 1176, dois cubelos quadrados e foi refeita a mando da Condessa D. Teresa, após o ataque muçulmano de 1117.²⁴ Do castelo da cidade, não restam hoje senão memórias escritas ou desenhadas, pois os poucos vestígios que se conservaram até meados do século XX, desapareceram com as obras da Cidade Universitária. Do conjunto fortificado sobressaíam duas torres: a torre quadrada, no centro do castelo é a mais antiga: a torre de menagem de D. Afonso Henriques, que teria cerca de 22 metros de altura. A torre pentagonal ou quinária, foi construída por D. Sancho I em 1198, sendo-lhe atribuída a altura de cerca de 26,5 metros. A torre de menagem era feita de *“blocagem argamassada, dura como ferro, apertada entre revestimentos, interno e externo, de silharia gravada e siglada”*. Teria a sua entrada muito alta, servida por escadas de madeira amovíveis, como era próprio destas torres. A estrutura defensiva possuiria ainda, um fosso.²⁵

Todavia, no reinado de D. Fernando, o Castelo sofreu novas transformações. Além do adarve que ligaria as Torres de Afonso Henriques e Sancho I, terão sido construídas duas novas torres: a

²¹ Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – Universidade. 1980. vol.18 p.483

²² ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 113

²³ Coimbra Rota da 1ª Dinastia parte3: As muralhas e os castelos de Coimbra. [Em Linha], 2009. Disponível em: http://www.rotas.turismodecoimbra.pt/visita_guiada.html

²⁴ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 204

²⁵ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 199, 201, 203

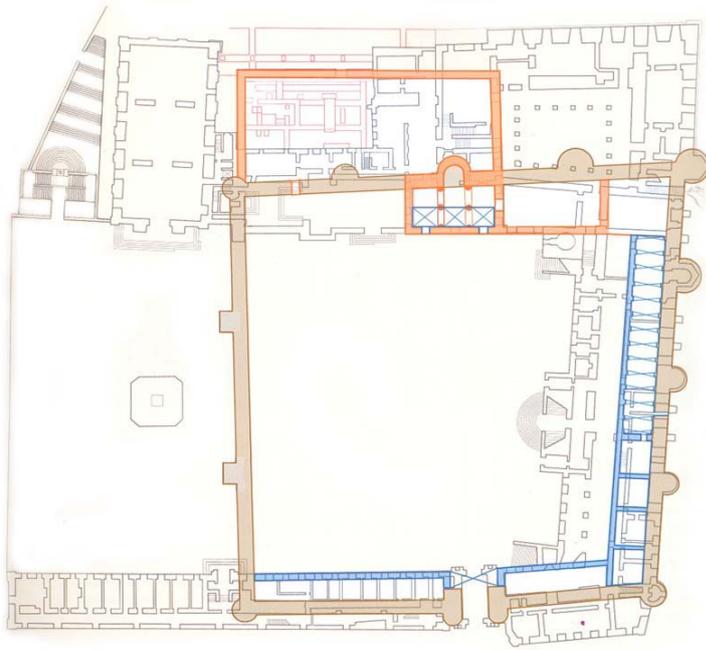


Fig. 12 – Planta de reconstituição do Paço Real no tempo de D. Afonso IV, António Pimentel

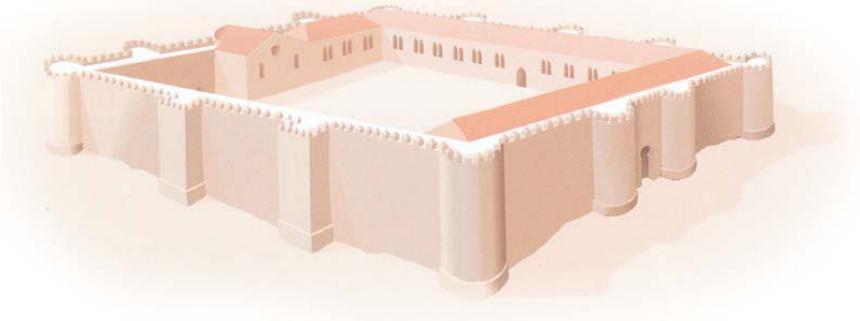


Fig. 13 – Reconstituição tridimensional do Paço Real, António Pimentel



Fig. 14 – Claustro do Convento de Celas.

“torre das Mulheres” e a partir de 1374 começou a ser erigida a “torre nova”, que marcaria a entrada na cidade, substituindo a antiga Porta do Sol.²⁶

Fez-se, então, na secção de documentos gráficos a reconstituição do castelo, tendo em conta o desenho de Baldi de 1669, a planta do século XVIII de Guilherme Elsdén, aquando da demolição promovida pelo Marquês de Pombal, e a reconstituição feita por Jorge Alarcão.

Anteriormente às obras de D. Fernando no Castelo, já no início do século XIV, os Estudos Gerais se tinham implantado na Alta da cidade. Após a transferência da Universidade de Lisboa para Coimbra em 1308,²⁷ a instituição verá construído um edifício digno. Intramuros, especialmente na parte mais alta, havia muitas casas abandonadas, arruinadas, e “*de aluguer*”. Era, pois, a ocasião, para no bairro alto, sítio sossegado, se construir os Estudos Gerais, e para alugar ou construir habitações para albergar estudantes. No local onde no século XVI se construiu o Colégio Real de S. Paulo, os Estudos instalaram-se primeiro em casas, enquanto o edifício próprio não estava concluído.²⁸

Sobre o edifício em si, crê-se que terá tido um claustro, pois algumas das belas colunas com as suas bases e capitéis do claustro do Convento de Celas terão sido de lá trazidas²⁹. Com a informação do local, da organização funcional, e de uma dimensão aproximada para a arcaria do claustro, tentou-se formular uma hipótese de como os Estudos Velhos Dionisianos poderiam ter sido. Sem certezas sobre a sua área de implantação e volumetria, propôs-se um edifício com dois pisos e alguma escala no conjunto urbano.

Por volta de 1340, também estaria concluída a reforma do Paço Real por parte de D. Afonso IV. Contudo, desde as primeiras décadas do século XIV, que se vinha assistindo à construção de estruturas utilitárias palatinas que se acrescentaram à capela e aula do *palatium* primitivo sesnandino. Consumava-se, assim, um *Paço Real da Alcáçova*, inquestionavelmente cabeça da urbe, pousado na colina. Afastado, pouco a pouco, o perigo muçulmano e esbatida a importância militar do recinto fortificado, a moradia régia inaugurava uma relação crescentemente aberta com

²⁶ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 202

²⁷ ALFAIATE, Augusto – Universidade. [Em linha] s.d. Disponível em:
<http://www.regiaoocentro.net/lugares/coimbra/universidade/index.html>

²⁸ VASCONCELOS, António de – Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana. 1938-41. vol. 1.

²⁹ *Ibidem*

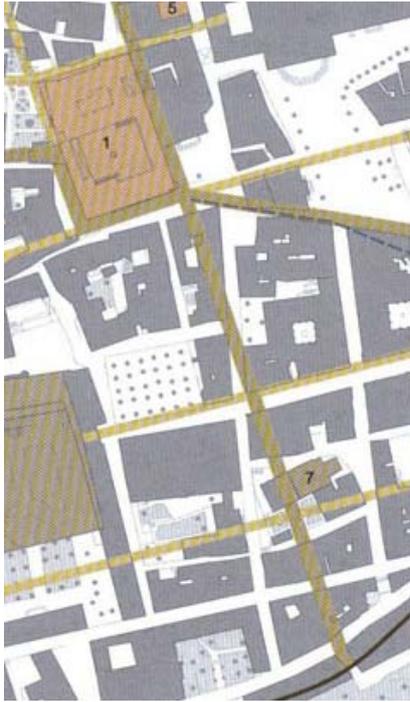


Fig. 15 – Possível arruamento que atravessaria a “Rua Larga” na Idade Média.

a cidade e as suas necessidades.³⁰ A reconstituição do Palácio feita por António Pimentel foi a base da sua representação nos documentos gráficos.

Sobre o espaço em frente aos Estudos Gerais, alguns autores, sem referir dados concretos afirmam que, na segunda metade do século XIII, era conhecido por mouraria.³¹ Porém Walter Rossa, constata que depois da conquista definitiva da cidade pelos cristãos, a relação destes com os muçulmanos era pacífica, sendo pouco provável que houvesse segregação.³² Além disso, as mourarias ou as judiarias localizavam-se em locais mais periféricos e menos atractivos.³³ Por outro lado, Jorge Alarcão desmente o facto, de que também no século XIII, tenha havido uma mouraria perto da Igreja de S. Cristóvão. Os documentos não se referem a uma “*mauraria*”, de mouros, mas sim a uma “*moraria*”, ou seja um local com amoreiras, pelo que possa ter havido alguma confusão neste sentido.³⁴ Assim, mas sem grandes certezas, põe-se a hipótese de o local, que se chamava Alameda de S. Paulo, aquando da existência do colégio com esse nome, fosse já um espaço aberto, como era comum existir perto das alcáçovas, como local de manifestações comerciais,³⁵ quem sabe com presença de amoreiras.

Resta também, imaginar como seria o tecido urbano à data. Nos documentos de reconstituição, desenhou-se um hipotético traçado para a rua que ligava o Castelo ao Palácio Real (futuramente Rua Larga), tendo em conta que talvez fosse mais estreita e menos rectilínea. Todavia, a densidade urbana não seria tão grande como na agitada Baixa da cidade. A Rua seria obviamente cortada por outras, mas é difícil saber onde, à excepção de um eixo que ligava as igrejas de S. João de Almedina e S. Pedro, com possíveis origens romanas.³⁶

Quanto às habitações nas cidades medievais, elas eram construídas em pedra e cal, madeira, adobe e outros. Era frequente terem um ou mais andares com sacada, projectando-se sobre a rua.

³⁰PIMENTEL, António Filipe – A Morada da Sabedoria. 2005. p. 279, 283

³¹ CORREIA, António – Toponímia Coimbrã. 1952. vol. 2. p. 6

³² ROSSA, Walter – Diversidade. 2001.

³³ GASPAR, Jorge – A Cidade Portuguesa na Idade Média. La Ciudad Hispanica. [Em Linha] 1985. p. 136. Disponível em: http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/PerfilHistoriador/A_Cidade_Portuguesa_na_Idade_Media.pdf

³⁴ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 97

³⁵ GASPAR, Jorge – A Cidade Portuguesa na Idade Média. La Ciudad Hispanica. [Em Linha] 1985. p. 134. Disponível em: http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/PerfilHistoriador/A_Cidade_Portuguesa_na_Idade_Media.pdf

³⁶ ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p. 65



Fig. 16 – Casa medieval, Baixa de Coimbra.



Fig. 17 – Casas medievais imaginárias de Coimbra por Jorge Alarcão.

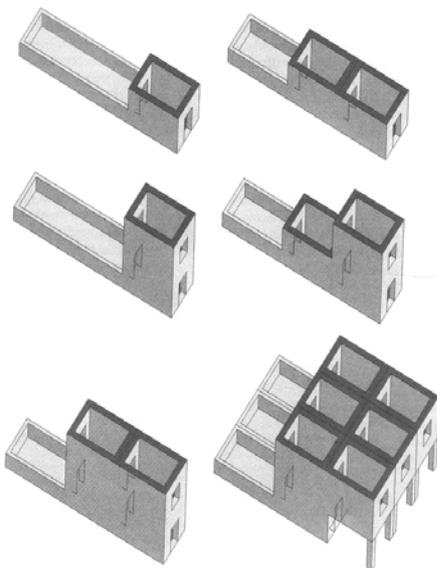


Fig. 18 – Esquemas de casas medievais de Coimbra, Luísa Trindade.

Por vezes, havia nas traseiras das casas pátios e jardins, onde se encontravam animais domésticos, como a galinha e o porco.³⁷

Em Coimbra, na Baixa, subsiste ainda hoje um exemplo de habitação medieval. Apesar de ser do século XV dá uma ideia de como poderiam ser as casas desta época. A casa é elevada através da sobreposição de um sobrado e obedece a princípios básicos de abrigo e armazenamento. Com pés-direitos reduzidos, no rés-do-chão fica a loja, e a habitação em si, nos andares superiores. As paredes erguem-se em enxaimel, a cobertura é de telha, e as aberturas são em número diminuto.³⁸

Jorge Alarcão e também Luísa Trindade dão exemplos de como podiam ter sido as casas medievais em Coimbra: com um ou mais andares, com quintais, escadas exteriores e pisos parcialmente ou totalmente sobradados, sobre arcos, esteios ou colunas.³⁹

Era possível que, nesta altura ainda se pudesse observar restos do aqueduto romano, sobre o qual se viria a erguer o Aqueduto de S. Sebastião.

³⁷ FREITAS, Maria – A Vila Medieval. [Em Linha], actual. 2009. Disponível em: <http://www.cm-castromarim.pt/site/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=25>

³⁸ Gabinete para o Centro Histórico – Casa Medieval. [Em Linha], s.d. Disponível em: http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=190&Itemid=468

³⁹ TRINDADE, Luísa – A Casa Corrente em Coimbra, dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna. 2002. p. 76

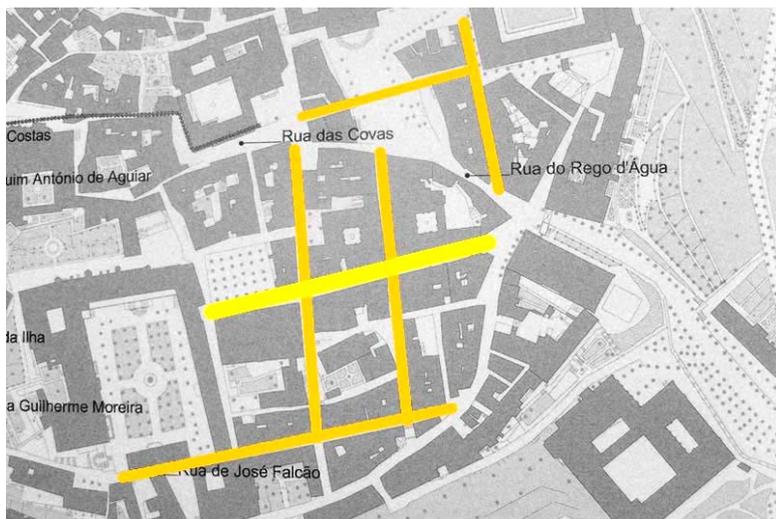


Fig 19 – Traçado urbano da alta, com um traçado tendencialmente ortogonal, planta de 1873-74.

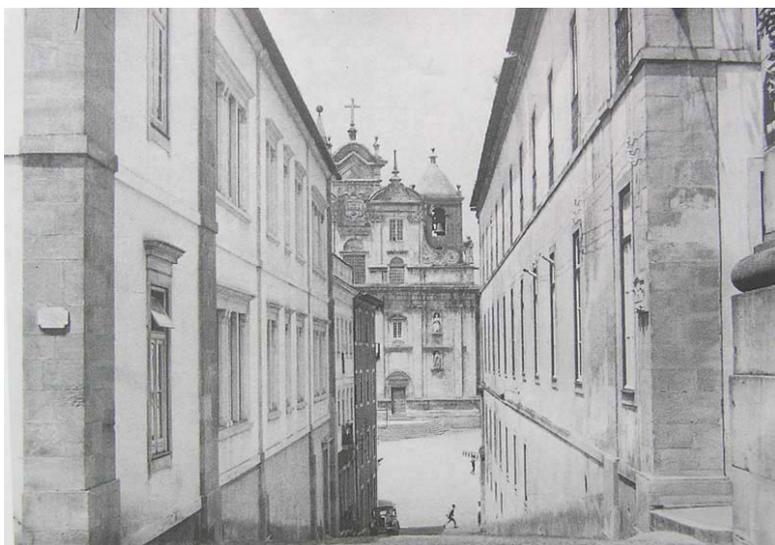


Fig. 20 – Rua dos Lóios, que intersecta a Rua Larga, vista da Rua do Borrvalho, séc. XX



Fig. 21 – Reconstituição do Paço Real depois da reforma manuelina, ainda com a “Torre do Rei”.

3: 1678 – Os Colégios Universitários

Nesta época, certamente já designado como Rua Larga, o eixo teria praticamente estabelecida a estrutura que apresentará até a Alta ser arrasada pelo Estado Novo.

As alterações a nível urbanístico consumadas no reinado de D. João III, no século XVI, decorrentes da construção de casas para os escolares e do desígnio de edificação de um edifício próprio para a Universidade, terão conferido à Alta de Coimbra um novo traçado urbano, mais regularizado. Contudo, foi através da sucessiva implantação de Colégios Universitários, também no século XVII, que a malha urbana se consubstanciou, e a Rua Larga aumentou a sua área de influência.⁴⁰

No âmbito do povoamento da Alta Universitária, a Rua Larga acabou por desempenhar o seu papel estruturador natural, sendo cruzada por dois eixos paralelos. Um formado pelas ruas de S. Pedro e S. João, o outro, composto pelas ruas dos Lóios e do Borrvalho, terá sido resultante de dois propósitos de fundo urbanístico: a implantação segundo uma paralela ao primeiro e o rigoroso enfiamento a partir do centro da principal fachada da “quadratura das escolas” (projecto não concretizado, situado em parte no local onde se edificou o Colégio de Jesus).⁴¹

Terá sido atribuída a várias ruas, abertas, ou ajustadas nesta altura, como por exemplo a Rua dos Estudos⁴², a largura de 30 palmos. Já à “Rua Larga” concedeu-se 45 palmos, estando assim justificada e apropriada a sua designação.⁴³

Mais à frente no capítulo far-se-á uma análise aos colégios que vão modificar a imagem da Rua, mas antes há a referir as transformações profundas que o Paço Real, sofrera até à data, desde o século XVI, começando pelo Manuelino, passando pelo Renascimento, até ao Barroco. Na época de D. Manuel, entre 1517 e 1522, o corpo do palácio foi reformado, salientando-se também a capela real e a sala grande de Marcos Pires, e os torreões de defesa embelezados.⁴⁴ Já no reinado de D. João III, em 1535, os Estudos mudam para os Paços Reais e em 1537, a Universidade estabelece-se definitivamente em Coimbra. Em 1561 é edificada a torre horária de

⁴⁰ ROSSA, Walter – *Diversidade*. 2001. p. 807, 810, 811

⁴¹ *Ibidem* p. 807

⁴² BRANDÃO, Mário – *Documentos de D. João III*. 1938. vol. 2.

⁴³ ROSSA, Walter – *Diversidade*. 2001. p. 792, 809

⁴⁴ PIMENTEL, António Filipe – *A Morada da Sabedoria*. p. 320



Fig. 22 e 23 – Representação da torre horária de João de Ruão por Laprade e excerto da vista de Coimbra de Pier Maria Baldi (1669) onde também se vê a torre.

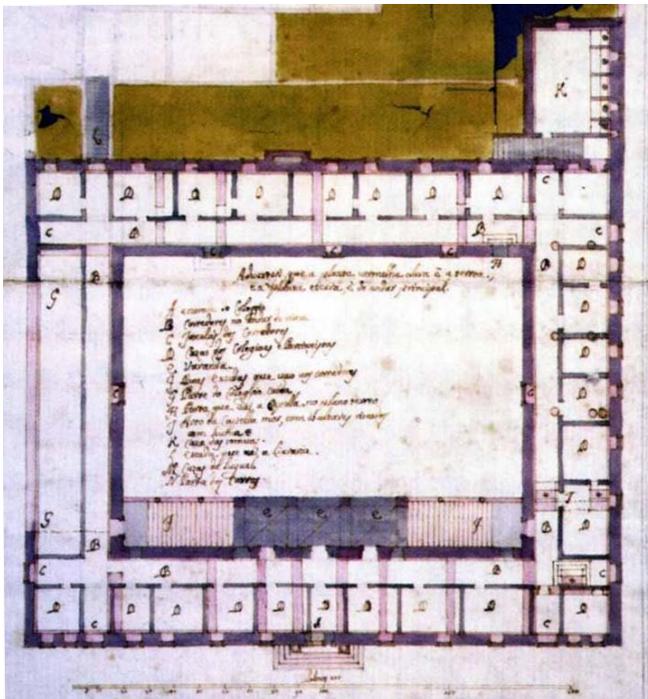


Fig. 24 – Plantas sobrepostas do piso térreo e 1º andar do Colégio Real de S. Paulo

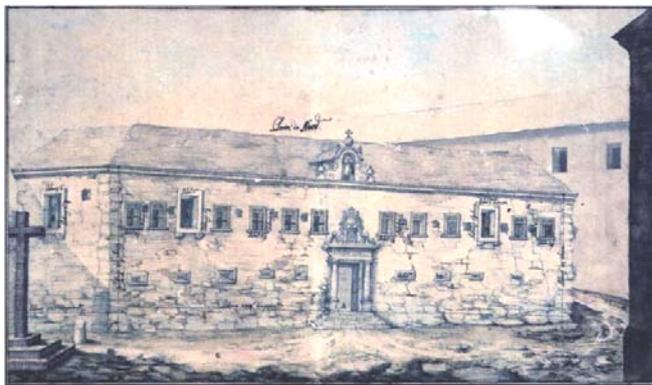


Fig. 25 – Fachada à Rua Larga do Colégio Real de S. Paulo

João de Ruão, situada no ângulo noroeste do terreiro, representada na vista de Coimbra por Pier Maria Baldi, e figurada numa porta dos Gerais por Laprade.⁴⁵

Em 1570, o Colégio de S. Pedro instala-se na ala nascente do Paço e em 1634, a antiga porta fortificada é substituída pela Porta Férrea. Posteriormente ainda é reformada a sala do exame e reconstruída a Sala dos Capelos.⁴⁶ Nos documentos gráficos as representações do Paço das Escolas, foram feitas a partir das reconstituições de António Pimentel, tendo em conta as novas adições até à data.

Os colégios em seguida analisados, construídos entre 1550 e 1678 (daí a data escolhida para este capítulo), eram bastante diversificados, quer pelo seu modo de funcionamento, quer pela organização espacial e relação com o espaço exterior, por vezes tendo capelas interiores ou igrejas servindo o público.

O Colégio Real de S. Paulo Apóstolo, começou a ser construído a partir de 1550 a mando de D. João III, no terreno onde existiam os Estudos Velhos e as suas casas arruinadas. A inauguração deu-se em 1563, e dele saíram homens eminentes, de grande importância para o país.⁴⁷ Através dos desenhos das plantas e das fachadas do Colégio pelo arquitecto Azzolini e do perímetro de implantação do edifício visíveis na planta de 1873-74, figura 13 deste trabalho, foi feita uma reconstituição que se aproximará bastante do seu aspecto original. Era um colégio “secular” – por oposição aos colégios “regulares”, das ordens. Organizava-se em torno de um pátio central, que curiosamente não tinha nenhuma arcaria de distribuição para as várias dependências. Ocupava praticamente um quarteirão e tinha capela interior.⁴⁸

O Colégio de S. Jerónimo começou a funcionar em 1550, numas casas adquiridas a norte do Castelo, mas em 1565 adquiriram mais terreno e projectaram um edifício condigno. A sua fachada oriental ergueu-se sobre a muralha da cidade, desde a porta do Castelo, à qual ficou encostada a igreja, obra de Diogo de Castilho, continuando-se o dormitório em direcção ao Norte.

⁴⁵ PIMENTEL, António Filipe – António Canevari e a torre da Universidade de Coimbra. *Artistas e Artífices*. VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. 2005. p. 50

⁴⁶ BONIFÁCIO, Horácio, outros – Paços da Universidade de Coimbra. [Em Linha], 1991, 1997, 2003. Disponível em: http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

⁴⁷ VASCONCELOS, António – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. – p. 81

⁴⁸ LOBO, Rui Pedro – Os colégios universitários de Coimbra. *Monumentos*. (2006), vol. 25, p. 40

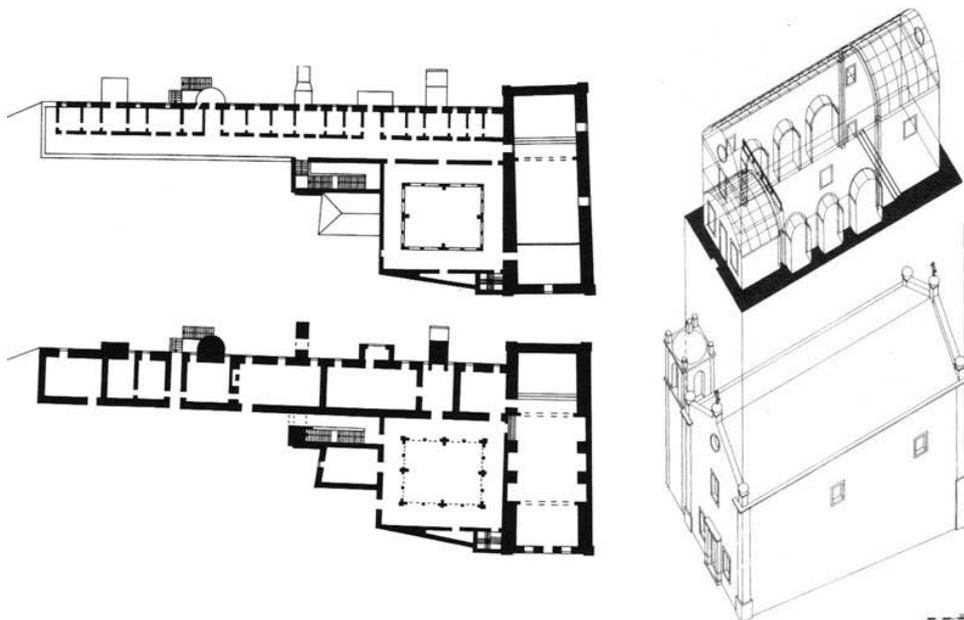
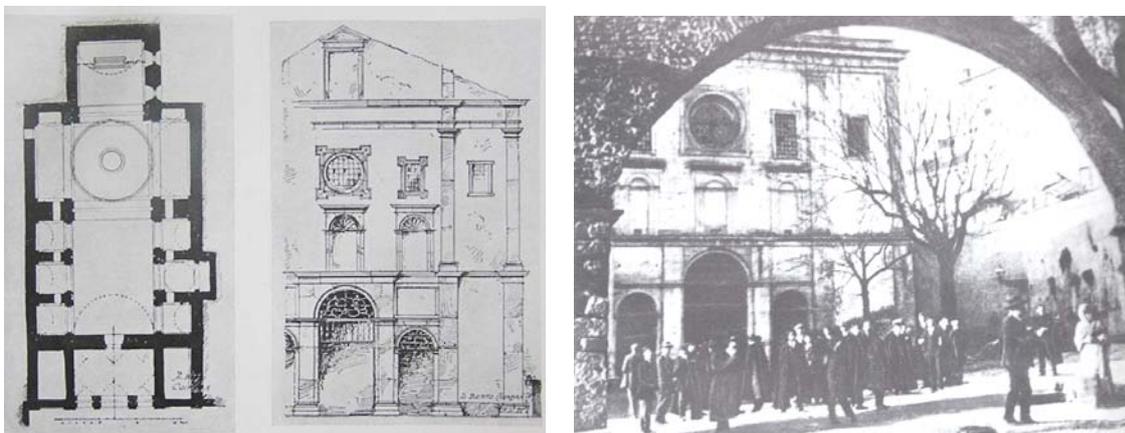


Fig. 26 – Reconstituição do Colégio de S. Jerónimo e axonometria da igreja, Rui Lobo



Fig. 27 – Vista do Colégio de S. Jerónimo, Vivian, segunda metade do século XVIII.



Figs. 28 e 29 – Planta e alçado da Igreja do Colégio de S. Bento, por Albrecht Haupt, e fotografia.

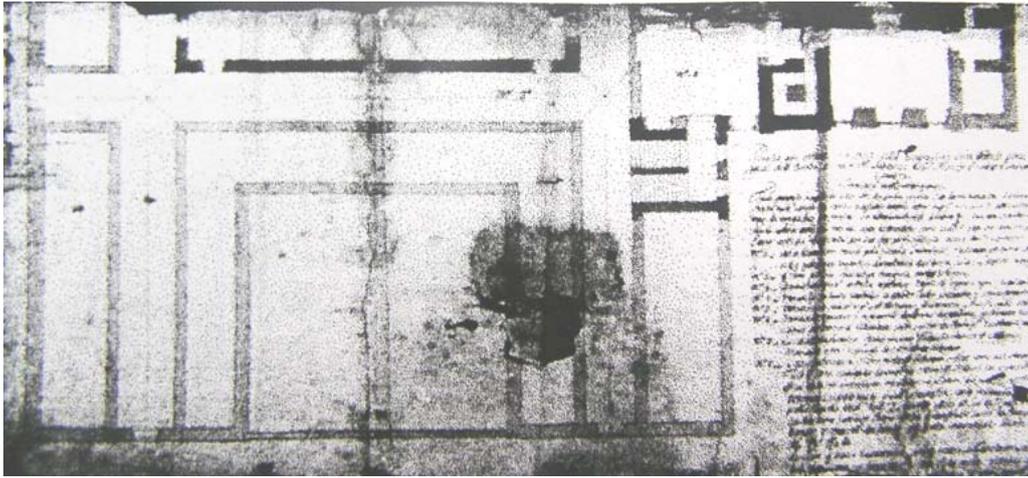


Fig. 30 - Planta truncada do Colégio de São Bento, aquando de profundas alterações, 1764.



Fig. 31 – Aqueduto de São Sebastião.



Fig. 32 - Colégio de S. João Evangelista, fachada ao Largo da Feira.



Fig. 33 - Colégio de S. João Evangelista, fachada ao Largo da Feira.



Fig. 34 – Fachada do Colégio de S. Boaventura no início do séc. XX. e planta do piso térreo, séc.XIX.

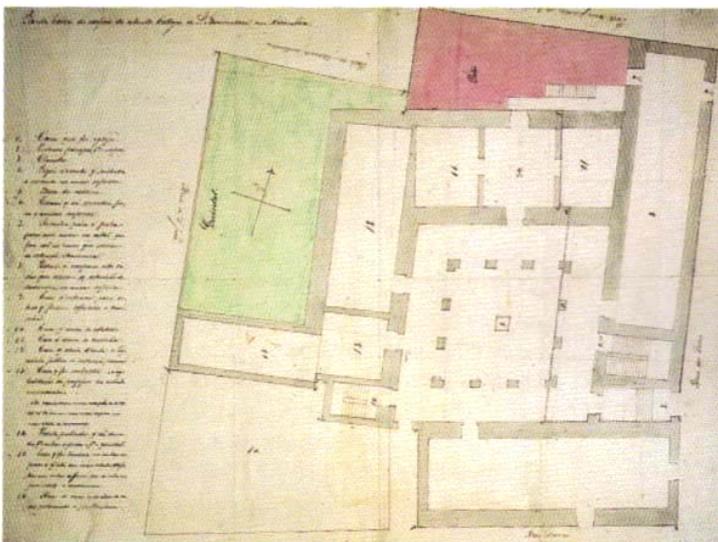


Fig. 35 – Planta do piso térreo do Colégio de S. Boaventura, séc. XIX.

Ainda hoje se reconhece bem delimitado o edifício, com seus cubelos de reforço na fachada oriental.⁴⁹ A representação feita nos documentos gráficos tem como base a reconstituição do colégio por Rui Lobo na obra “Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo” através de plantas e axonometria. Todavia o alçado Sul é modificado em função da já referida presença da torre da porta do Castelo.

O Colégio de S. Bento era o maior e mais importante colégio na alta da cidade, exceptuando o Colégio de Jesus. Em 1576 haviam começado as obras do edifício, sendo que a igreja foi a última parte a ser construída, tendo sido sagrada em 1634. O projecto inicial do colégio talvez fosse constituído por dois pátios, mas entre 1568 e 1570 foi construído o aqueduto de S. Sebastião, do engenheiro Filipe Terzio, em parte na propriedade dos beneditinos, o que os obrigou a fazer uma parede no lado nascente para encerrar o conjunto.⁵⁰ Quanto à Igreja, toda a nave é um primor de arquitectura, que desde logo detém os olhos de quem entra. A sua abóbada em forma de berço, formando caixotões, é de uma “riqueza e formosura singulares” no dizer do crítico alemão Albrecht Haupt.⁵¹

Na parte gráfica do trabalho tentou-se aproximar o colégio do seu aspecto original através de uma planta truncada de 1764, que revela parte do colégio, mas também pelo desenho de Baldi (Fig. 8), onde se vê a parte ocidental, revelando a existência duma galeria com vista para o rio.

O Colégio de S. João Evangelista ou dos Lóios instalou-se em 1548 no arrabalde da cidade. Contudo viriam a mudar-se para o bairro alto da cidade. Adquiridos os terrenos, o colégio construiu-se entre 1631 e 1638.⁵² O edifício, em parte com organização claustral, estende-se, contudo, até ao Largo da Feira, mostrando aí a sua fachada principal de 5 pisos, bastante trabalhada. Pelo contrário, às outras fachadas não se concedeu a mesma dignidade. Da Rua Larga, tendo aqui apenas dois andares, far-se-ia o acesso directo ao claustro. A partir da documentação fotográfica encontrada, reconstituiu-se em planta o perímetro e o claustro, e imaginou-se uma fachada para a Rua Larga.

A primeira pedra do Colégio de S. Boaventura foi colocada em 1665 e em 1678 deu-se por concluída a obra.⁵³ O edifício organizava-se em torno de um claustro e tinha a serventia principal

⁴⁹ VASCONCELOS, António – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. – p. 92-95

⁵⁰ *Ibidem* – p. 100-101

⁵¹ ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 284

⁵² VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. – p. 77-79

⁵³ *Ibidem* p. 91-92



Fig. 36 – Casa com pormenores de arquitectura renascentista.

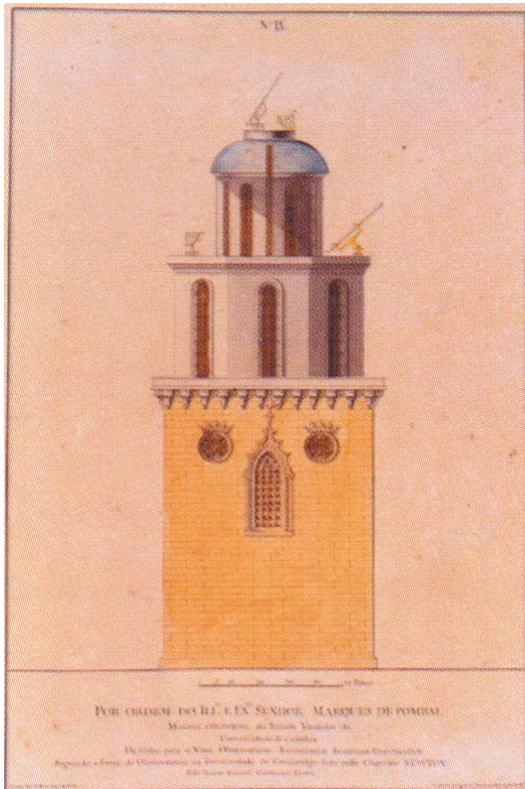


Fig. 37 – Desenho de adaptação da Torre de Menagem do Castelo a observatório, G. Elsdén, 1772.

para a Rua dos Lóios, tanto do colégio como da igreja, como descreve o inventário aquando da extinção.⁵⁴ A planta do século XIX revela provavelmente uma realidade próxima da original e uma fotografia permite ver o aspecto de parte do edifício antes da transformação que sofreu no século XX. Restou, assim, criar uma possível imagem para a igreja, sendo que o portal do sucessor Instituto de Antropologia, segundo António Vasconcelos, não terá sido aproveitado do antigo colégio.⁵⁵

A par da construção dos colégios universitários, também se construíram casas particulares sob uma forma renovadora. O fundo construtivo corresponde a um tipo de casas que apresenta como característica própria, janelas de avental rectangular, correspondendo estas, à segunda metade do século XVI, a todo o século XVII e ainda aos começos do século XVIII.⁵⁶

O Castelo, destituído das suas funções defensivas, utilizou-se para várias funções de interesse para a cidade. Foi prisão e quartel, nos séculos XVI e XVII. Num desenho do século XVIII, de Guilherme Elsdén, em que este adapta a Torre de Menagem a observatório, são visíveis, uma janela gótica, e duas aberturas superiores que se podem observar na figura 36 deste trabalho. Desenho que contribuiu para a reconstituição do Castelo nesta época.

⁵⁴ GAMA, António Mendes – Descrição e Depozito dos Bens deste Collegio de S. Boaventura da Feira. 1834. Disponível no Arquivo da Universidade de Coimbra.

⁵⁵ VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. p. 162

⁵⁶ ROSMANINHO, Nuno – O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. 1996. p. 18



Fig. 38 – Paço das Escolas após grandes modificações no século XVIII.

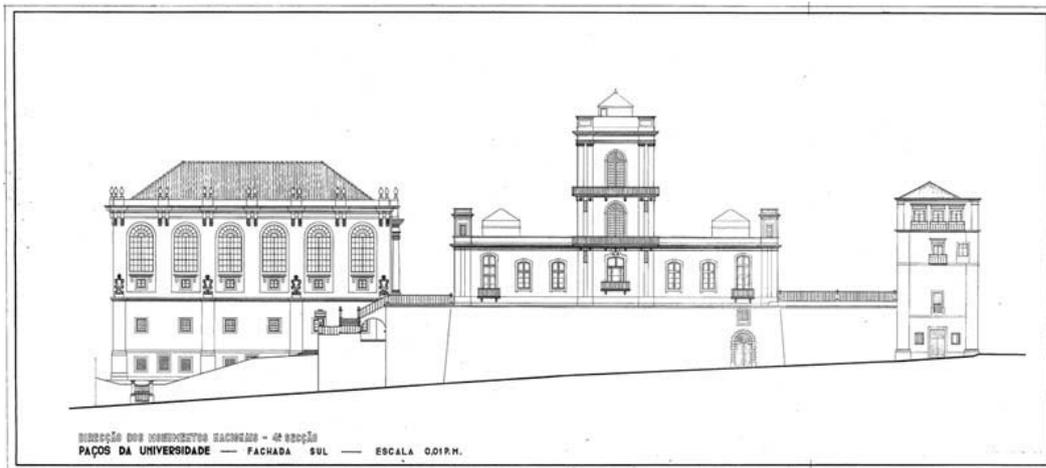


Fig. 39 – Perfil pela Rua José Falcão: Biblioteca Joanina e Observatório Astronómico.

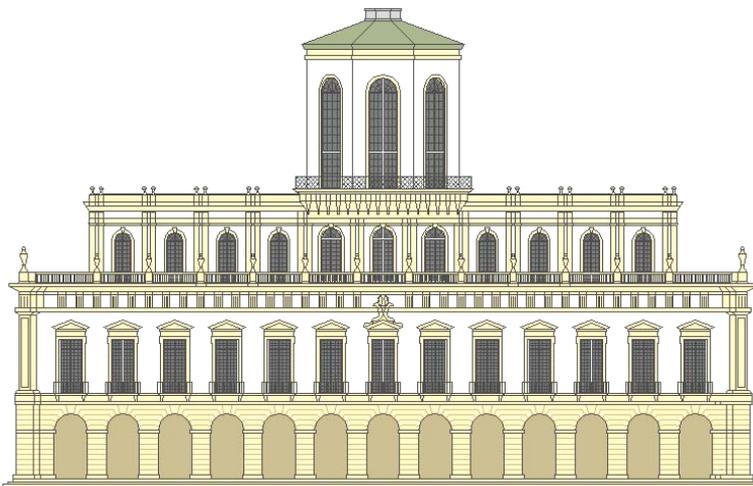


Fig. 40 – Reconstituição do alçado do Observatório Astronómico, Guilherme Elsdén.

4: 1799 – As reformas e projectos do século XVIII

Neste capítulo abordar-se-á não só as alterações consumadas ao longo da Rua Larga, mas também os projectos que não chegaram a ser executados ou foram interrompidos, que lhe dariam um carácter mais monumental.

Desde o início de Setecentos que o crescimento económico-demográfico e o desenvolvimento científico-técnico vinham impulsionando importantes alterações sociais e culturais. A filosofia iluminista, racional, humanista, defendia o progresso com base no desenvolvimento da ciência e da técnica.⁵⁷ Em Coimbra, a Reforma Pombalina da Universidade teve esse papel, introduzindo também uma nova linguagem arquitectónica, a do neoclassicismo.⁵⁸ Contudo, o início do século foi marcado ainda pelo barroco e as suas influências nas obras do Paço das Escolas.

O Paço das Escolas, no decorrer do século XVIII verá grandes modificações, que lhe darão um aspecto próximo daquilo que encontramos hoje. As obras mais importantes foram a Via Latina, a construção da Biblioteca, a nova torre da Universidade e, inseridas na Reforma Pombalina, a remodelação dos Gerais do alçado norte do terreiro.

O frontispício da Via Latina, com a composição escultórica de Laprade é construído em 1700/01, garantindo um corpo central com dignidade àquela fachada. A construção da Biblioteca, entre 1716 e 1728, juntamente com as Escadas de Minerva,⁵⁹ constituem uma significativa adição pela sua envergadura, fechando o conjunto edificado da ala poente. A sumptuosidade da decoração barroca do interior da biblioteca, contrasta com a simplicidade da própria organização espacial e do exterior. Substituindo a antiga torre de Ruão, António Canevari, arquitecto romano, concebe uma nova, com cerca de 34 metros de altura. Torre sineira e horária, de linhas severas quebradas apenas pelo delicado frontão, teve um raro acabamento em

⁵⁷ PINTO, Ana, outros – História da Arte ocidental e portuguesa, das origens ao final do século XX. 2001. p. 624

⁵⁸ ROSMANINHO, Nuno, outros – Evolução do Espaço físico de Coimbra. 2006. p. 23

⁵⁹ BONIFÁCIO, Horácio, outros – Paços da Universidade de Coimbra. [Em Linha], 1991, 1997, 2003. Disponível em: http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

terraço, a fim de nele instalar um observatório. Além das funções para a comunidade escolar, é um símbolo de identidade.⁶⁰ Entre 1770 e 1779 foi construído todo o alçado norte do Terreiro da Universidade. O velho edifício ganhava assim uma nova fachada.⁶¹

O plano de intervenção da Reforma Pombalina, embora se tenha feito sentir em outras obras como o Laboratório Químico, a transformação do Colégio de Jesus ou o Jardim Botânico⁶², ficou aquém da expressão de autonomia e monumentalidade que poderia ter tido, se o colossal Observatório Astronómico, no início da Rua Larga, tivesse sido concluído.⁶³

Guilherme Elsdén desenvolve, em duas versões conhecidas, o projecto do edifício. A segunda versão, a definitiva, representada no conjunto gráfico deste capítulo, é aprovada em 1773 – um volume com dois pisos, porticado no piso térreo, e encimado por um corpo recuado onde se eleva, ao centro da composição, a torre do Observatório. O edifício, confrontando o Colégio de S. Jerónimo, abrir-se-ia ao extenso território que se desenvolvia a Norte e a Nascente. A galeria do piso térreo, em cantaria de junta fendida, clarificava a função urbana de porta: iniciar o acesso à Rua Larga e prolongar o Passeio Público que vinha desde o já idealizado Jardim Botânico. A primeira versão, um volume com três pisos, organizava-se a partir do aproveitamento das duas torres do antigo castelo de Coimbra, enquadradas nos topos. Uma solução que foi abandonada pela dificuldade em integrá-las.⁶⁴

No entanto, após a demolição do castelo medieval e a conclusão do piso térreo do novo edifício, interrompeu-se o ambicioso projecto. Por razões financeiras e técnicas, optou-se por construir um outro Observatório, de menor dimensão, no topo Sul do Pátio das Escolas. Da colaboração do arquitecto Manuel Alves Macomboia com o professor José Monteiro da Rocha, surgirá o projecto definitivo. A forma final é constituída por um corpo horizontal com um piso e cobertura plana, e uma torre com três pisos definida a partir do vão central, também com cobertura plana. Em 1791 o projecto é aprovado, em 1799 o edifício concluído.⁶⁵

⁶⁰ PIMENTEL, António Filipe – António Canevari e a torre da Universidade de Coimbra. *Artistas e Artífices*. VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. 2005 p.49-58.

⁶¹ LOBO, Rui Pedro – *Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo*. 1999.

⁶² FRANCO, Matilde – *Riscos das Obras da Universidade de Coimbra*. 1983.

⁶³ ROSMANINHO, Nuno, outros – *Evolução do Espaço físico de Coimbra*. 2006. p. 23

⁶⁴ MARTINS, Carlos, FIGUEIREDO, Fernando – *O Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, 1772-1799. Rua Larga*. (2008), vol. 21. p. 58-59

⁶⁵ *Ibidem* p. 59-61

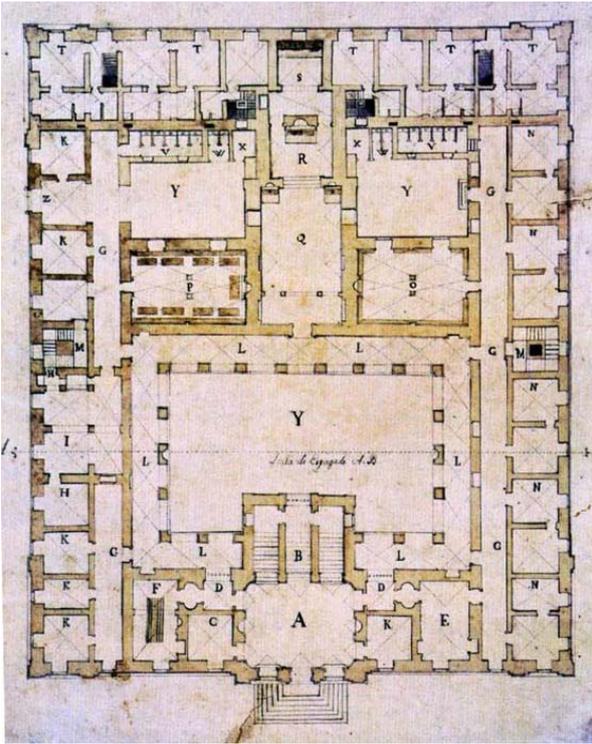


Fig. 44 – Planta do piso térreo do Colégio de S. Paulo de Giacomo Azzolini

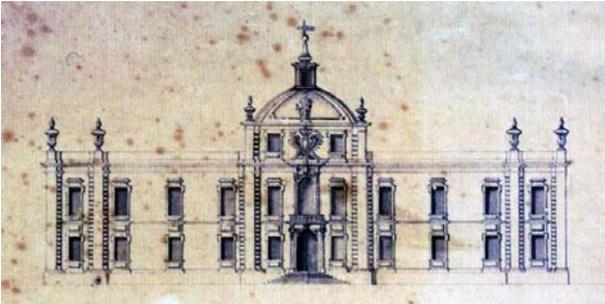


Fig. 45 – Alçado da fachada principal do Colégio de S. Paulo de Giacomo Azzolini

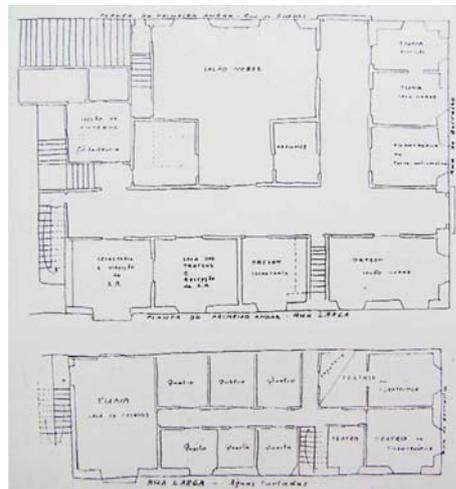


Fig. 46 e 47 – Colégio de S. Paulo Eremita no século XX e plantas do 1º andar e águas-furtadas.

Outro projecto de grande dimensão que não chegou a ser realizado foi o de um novo Colégio de S. Paulo, idealizado por Giacomo Azzolini, arquitecto bolonhês que viveu em Coimbra entre 1755 e 1764. Em termos de organização espacial, a colocação da capela a eixo do claustro/pátio, em localização perpendicular à ala em que se insere, e na frente oposta à entrada do colégio, é derivada do modelo medieval do *Collegio di Spagna*. Todavia, a diferença mais notória é a falta de presença volumétrica da capela, ficando esta envolta pelo perímetro regular do edifício, processo imposto pela implantação na quadrícula da Alta.⁶⁶

Com uma área total de cerca de 3500m², e sem informações precisas sobre o local da sua implantação, o arquitecto deverá ter previsto uma praça em frente ao colégio, à semelhança do que acontecerá com a Faculdade de Letras construída no início do século XX. Tendo em conta a sua dimensão e a sua planta perfeitamente ortogonal, o seu limite sul ficaria alinhado com o muro que encerra o Pátio das Escolas e o edifício em si traria alguma modificação no alinhamento da Rua de S. Pedro.

O Colégio de S. Paulo o Eremita, fundado em 1779, foi o último dos colégios universitários de Coimbra a ser construído. Tinha um portal nobre na sua extremidade esquerda, pois não chegou a ser edificada a ala lateral nascente.⁶⁷ No inventário feito em 1834, aquando da sua extinção, eram referidos os seus espaços interiores: no piso térreo, lojas, dispensa, uma pequena cavaliça e um pátio com serventia para a Rua do Guedes; no primeiro piso a capela, dormitório, celas, livraria, refeitório e cozinha e por fim, as águas furtadas.⁶⁸ Ainda com a informação de que as janelas do rés-do-chão da fachada da Rua Larga foram prolongadas para baixo no fim do século XIX, pois até então eram simples frestas superiores,⁶⁹ fez-se, nos desenhos deste capítulo, uma proposta de reconstituição do Colégio, prevendo a construção da ala que faltava.

O Colégio de S. Bento sofreu profundas alterações no século XVIII,⁷⁰ o que lhe terá dado um aspecto diferente, ganhando novas fachadas e tendo o seu perímetro sido regularizado.

⁶⁶ LOBO, Rui Pedro – Os colégios universitários de Coimbra. Monumentos. (2006), vol. 25. p. 42

⁶⁷ Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 2.^a ed. 1991. p. 34

⁶⁸ PAIXÃO, António Miguel – Autos de Inventário do Collegio de S. Paulo Ermitã. 1834. caixa 3

⁶⁹ VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. p. 17

⁷⁰ ROSSA, Walter – Diversidade 2001. p.813



Fig 48 – Aspecto da sala central da Faculdade de Letras do Arq.º Silva Pinto

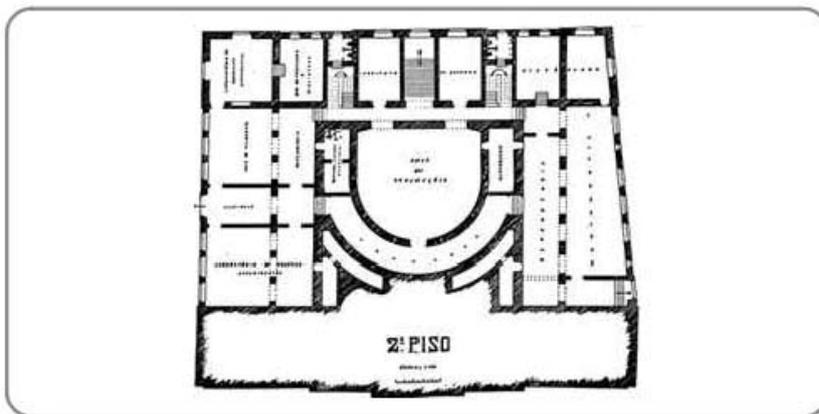


Fig. 49 – Planta do piso térreo da Faculdade de Letras.



Fig. 50 – Hospitais do Colégio das Artes e de S. Jerónimo, 1868

5: 1934 – O legado de vários séculos

Dois dos principais aspectos que se destacam nesta época são a multiplicidade de funções urbanas que se pode encontrar ao longo da Rua e a variedade de arquiteturas presentes em edifícios que tiveram a sua origem séculos atrás.

É de realçar a presença forte de edificado ligado ao ensino, principalmente universitário. Além de existirem alguns serviços públicos, é de grande relevância o conjunto habitacional que vai ladeando a Rua e que, não raras vezes, possui estabelecimentos comerciais nos pisos térreos.

Um dos edifícios mais emblemáticos deste período é a Faculdade de Letras do Arq.º Silva Pinto, construída a partir de 1912 e acabada em 1929. Anteriormente neste local, ainda funcionaram dois teatros académicos. Fundada em 1838, a Nova Academia Dramática instalou-se no Colégio de S. Paulo, tendo sido construída a sala de espectáculos no pátio do edifício. Por volta de 1888 o colégio foi demolido e mais tarde iniciou-se a construção de um novo Teatro Académico.⁷¹ Os alicerces do projecto interrompido do arquitecto italiano Nicolau Bigaglia, viriam a servir de base para a Faculdade de Letras de Silva Pinto. Este manteve o grande vão central do teatro e destinou-o a sala de leitura.⁷² A planta curvilínea e o levantamento em várias varandas ou camarotes, denunciam características dos teatros de raiz italiana.⁷³ A Faculdade possuía sobre esta sala, uma notável clarabóia que aliás, manteve-se após a intervenção do Estado Novo, mas também eram assinaláveis os portões de ferro, vitrais, candeeiros, e as escadas que caracterizavam a frente do edifício⁷⁴ e faziam uma harmoniosa transição entre a faculdade e a Rua Larga, suavemente inclinada.

Um conjunto de edifícios que também caracterizava a Rua Larga nesta data era o dos Colégios. Após a extinção das ordens religiosas em 1834, assistiu-se ao abandono e pilhagem destes e durante décadas houve alguma indecisão no destino a dar-lhes.⁷⁵

O Colégio de S. Jerónimo passou a funcionar como hospital a partir de 1848. A planta publicada por Costa Simões, mostra como se procedeu à ocupação do antigo colégio. O volume

⁷¹ VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. p. 85-86

⁷² ROSMANINHO, Nuno – O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. 1996. p. 179

⁷³ CARNEIRO, Luís Soares – Teatros portugueses de raiz italiana. 2002. vol. 2 p.20

⁷⁴ Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 2.ª ed. 1991. p. 47

⁷⁵ ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 136, 188

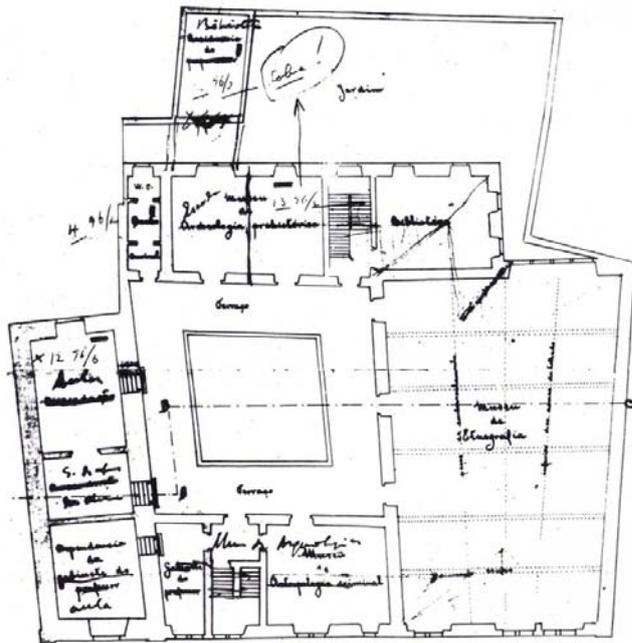
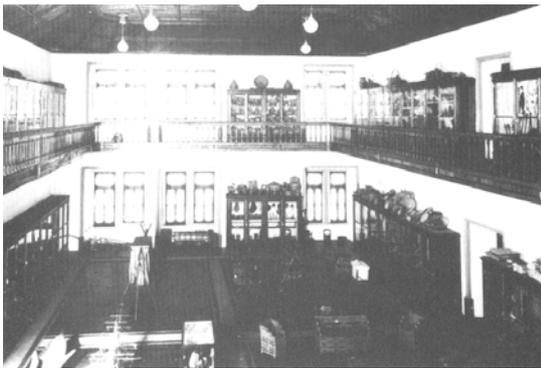


Fig. 51 - Planta do andar superior do Instituto de Antropologia



Figs. 52 e 53 – Instituto de Antropologia. Sala de Etnografia e edifício em demolição.



Fig. 54 – A Rua Larga vista do Largo do Castelo

da igreja foi dividido em três pisos, convenientemente iluminados pelas novas aberturas, tendo-se acrescentado posteriormente um quarto piso, de águas furtadas. Para ligar o hospital à lavandaria, que funcionava no rés-do-chão do que podia ter sido o Observatório Astronómico, escavou-se no arco construído após o terramoto de 1755, uma escada.⁷⁶

Este arco marcava a transição entre a Ladeira e o Largo do Castelo, definindo o momento de entrada na cidade alta.

O Colégio de S. Boaventura após a reforma universitária de 1911, recebeu o Instituto de Antropologia, sendo então submetido a uma profunda remodelação que apenas poupou o claustro.⁷⁷ Não só se dividiu o espaço de forma a adaptar-se às novas funções, como o próprio volume sofreu alterações. A área de implantação expandiu-se, e no lado norte, foi criada uma ampla sala de pé-direito duplo. Nas fachadas do edifício, as aberturas são todas abertas de novo e este, que anteriormente era acedido pela Rua dos Lóios, passou a ter a sua frente principal para a Rua Larga, com um portal encimado por um frontão curvo e quebrado.

À semelhança de outros colégios, o Colégio de S. João Evangelista, ou dos Lóios, ganhou, após a sua extinção, novas funções. Para as receber, terá sofrido obras de adaptação. Uma das mais notórias foi a abertura de vãos regulares ao longo das fachadas sul e poente. Em 1938, e graças ao seu generoso espaço interior funcionavam lá vários serviços públicos: o Governo Civil, a Auditoria Administrativa, a Junta de Província da Beira Litoral, a Direcção de Finanças e a PSP.⁷⁸

No início do século o Colégio de S. Paulo Eremita era a casa da Associação Académica de Coimbra e no Colégio de S. Bento estiveram sucessivamente instalados os Liceus José Falcão, Júlio Henriques e Feminino Infanta Dona Maria.⁷⁹

Ao longo da Rua, no que diz respeito aos prédios de habitação pode deduzir-se, pela presença de janelas de avental rectangular⁸⁰ e pelo seu aspecto, que uma boa parte deles terá a sua génese em séculos anteriores. Pode ainda observar-se alguns imóveis que possuem notáveis varandas de ferro forjado ou fundido⁸¹, com motivos de decoração vegetalista, possivelmente de inspiração Arte Nova.

⁷⁶ LOBO, Rui Pedro – Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. 1999. – p. 55, 145, 146

⁷⁷ ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 362

⁷⁸ VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. p. 80

⁷⁹ Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 2.^a ed. 1991. p. 10, 35

⁸⁰ ROSMANINHO, Nuno – O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. 1996. p. 18

⁸¹ *Idem* p. 18

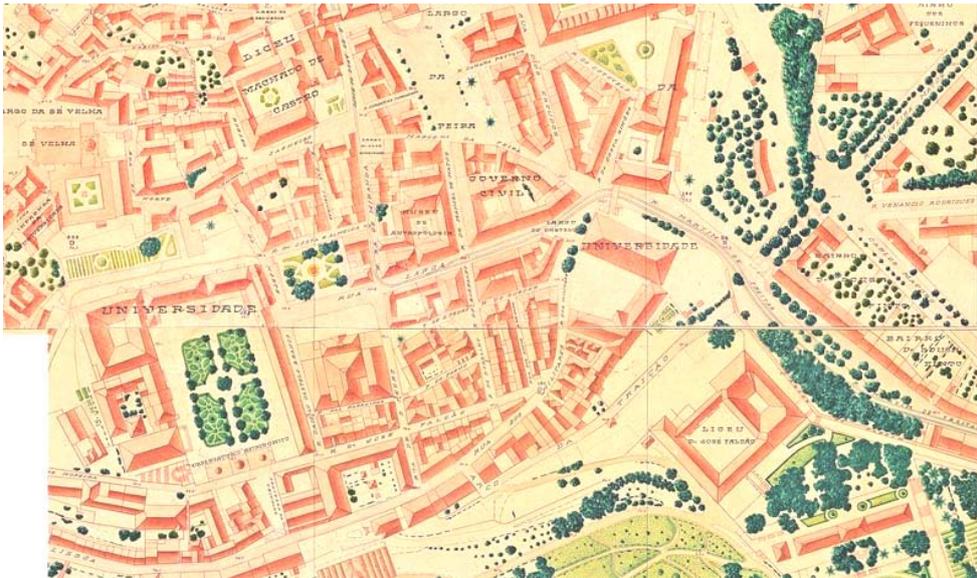


Fig. 55 – Excerto da Planta Topográfica da cidade de Coimbra, 1934



Fig. 56 – Rua Larga, década de 1940



Fig. 57 – Rua Larga em época de férias, vista no sentido poente - nascente.



Fig. 58 – Rua Larga, evidenciando o intenso convívio académico.



Fig. 59 – Rua Larga, vista do alto da Torre da Universidade.



Fig. 60 – Rua Larga, já em obras de demolição.



Fig. 61 – Jardim do Pátio das Escolas.



Fig. 62 – Largo de Camões, cerca de 1911.



Fig. 63 – Eléctrico na Ladeira do Castelo.

A caracterizar e a valorizar o espaço público da Rua Larga, estavam ainda os transportes eléctricos e os espaços verdes adjacentes. A década da 1920 representa o “período de ouro” dos eléctricos.⁸² A linha subia a Ladeira do Castelo e servia a Alta, passando pela Rua Larga em duas linhas paralelas, seguindo para a Rua de S. João, onde estas convergiam numa. Os espaços verdes eram três: o Pátio da Universidade, o Largo de Camões e a Ladeira do Castelo. O jardim do Pátio da Universidade, apresentava-se já desde 1877, bastante cuidado.⁸³ Orientado por um traçado geométrico, com grande número de árvores e uma grande araucária no centro, proporcionava frescura e amenizava o ambiente do terreiro. O Largo de Camões, do lado direito da Rua Larga para quem se dirigia para a Porta Férrea, opunha-se à Faculdade de Letras, alargando o campo visual e conferindo mais importância àquela. No centro erguia-se o monumento a Camões, erguido por volta de 1880, e daqui se tinha uma bela panorâmica sobre o Mondego e os campos de Montemor.⁸⁴ Por fim, a Ladeira do Castelo era ladeada por um luxuriante arvoredo que acompanhava o Aqueduto.

Complementando o acesso à Alta da cidade pelo lado nascente, são abertas no século XIX umas escadas, decorrentes da urbanização da Quinta de Santa Cruz, que ficaram conhecidas como Escadas do Liceu.

⁸² ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 166

⁸³ *Ibidem* p. 424

⁸⁴ Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 2.^a ed. 1991. p. 54

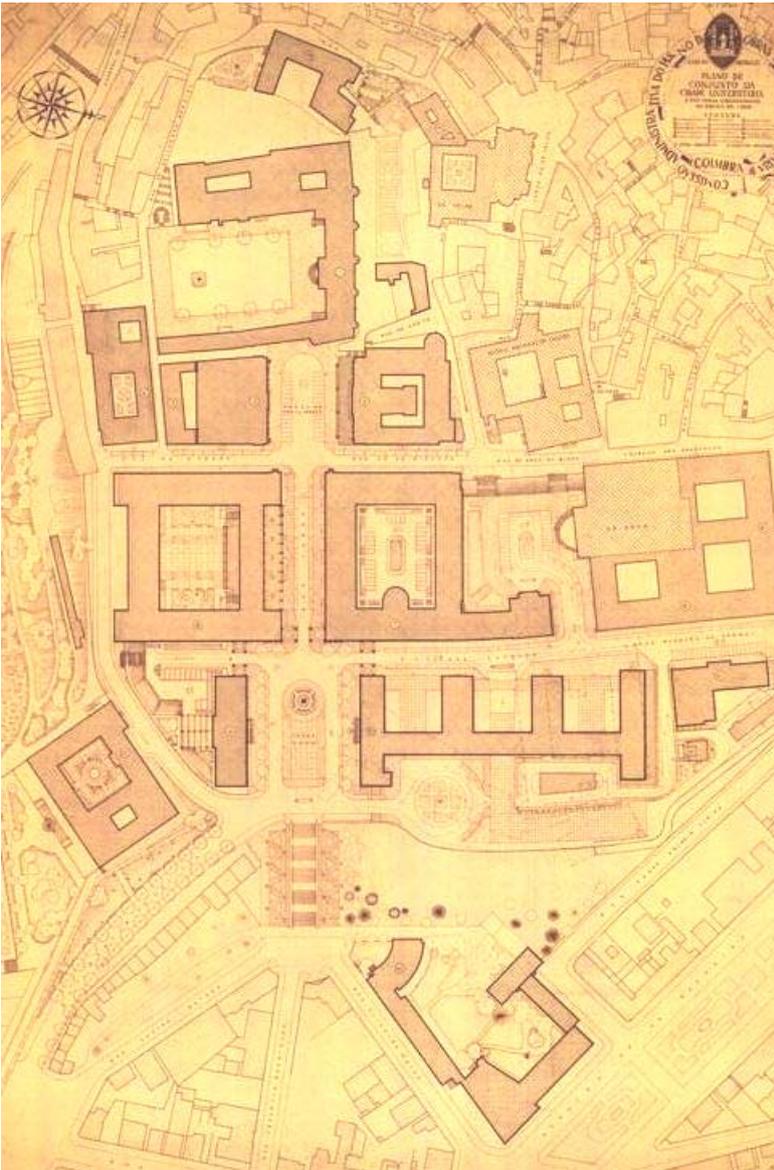


Fig. 64 – Plano de Conjunto da Cidade Universitária, final dos anos 50 ou inícios de 60.



Fig. 65 – Alta em demolição com a abertura da nova Rua Larga.

6: 1966 – O projecto da Cidade Universitária

A partir da década de 40 do século passado, a Rua Larga vai sofrer a maior transformação da sua história. Pode afirmar-se, aliás, que surgirá uma nova Rua Larga. O regime do Estado Novo, que vigorava na altura, encetou a partir de 1942 um vasto projecto de reconstrução das instalações universitárias, que ocasionou a demolição de mais de duzentos prédios e a construção de grandes blocos destinados a faculdades,⁸⁵ alterando por completo a escala do local.

De aqui em diante, parte da Alta de Coimbra perde a sua matriz polifuncional, a sua vida nocturna e a diversidade social. A habitação e comércio desaparecem e a função do local passa a ser, praticamente só de ensino universitário.

Pretende-se neste capítulo expor a proposta da Cidade Universitária na sua “versão completa”, ou seja, incluindo as intenções do arquitecto Cristino da Silva, que veio a substituir Cottinelli Telmo na direcção arquitectónica da CAPOCUC, em 1966.⁸⁶

O projecto da C.U., visível também no Plano de Conjunto da Cidade Universitária de finais dos anos 50, inícios de 60, foi essencialmente gizado por Cottinelli Telmo, arquitecto lisboeta, que pouco sabia e sentia da realidade tradicional coimbrã. Era adepto de um “vanguardismo” arquitectónico, com as suas disciplinadas linhas rectas e a sua monumentalidade classicista, influenciado pela arquitectura nazi alemã e fascista italiana.⁸⁷ A C.U. acabou por adoptar uma linguagem mais despida e grandiloquente, própria dos regimes autoritários e totalitários da Europa,⁸⁸ afastando-se do “gosto português” da proposta inicial de Raul Lino, e por certo, do gosto de Salazar.⁸⁹

A composição urbana do projecto é estruturada segundo um eixo principal Este / Oeste, que integra em si, quatro momentos: as Escadas Monumentais, a Praça D. Dinis, a Rua Larga e a Praça da Porta Férrea.

⁸⁵ ROSMANINHO, Nuno, outros – Evolução do Espaço físico de Coimbra. 2006. p. 75

⁸⁶ ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 231

⁸⁷ ROSMANINHO, Nuno – O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. 1996. p. 4

⁸⁸ ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 33

⁸⁹ ROSMANINHO, Nuno – O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo. 1996. p. 4



Fig. 66 – Perfil Norte pelo eixo principal do projecto da Cidade Universitária, 1966

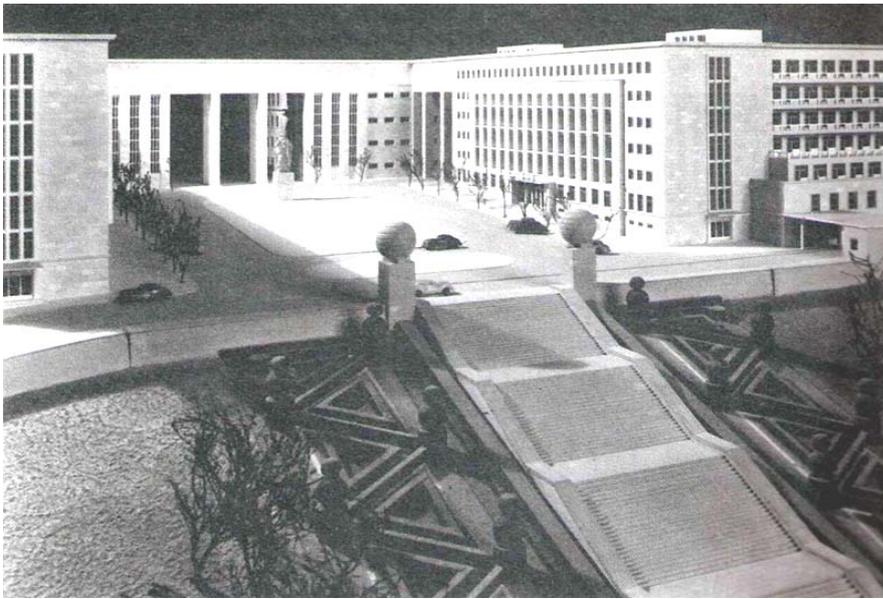


Fig. 67 – Maquete onde se observam o Hospital e os pórticos, não concretizados.

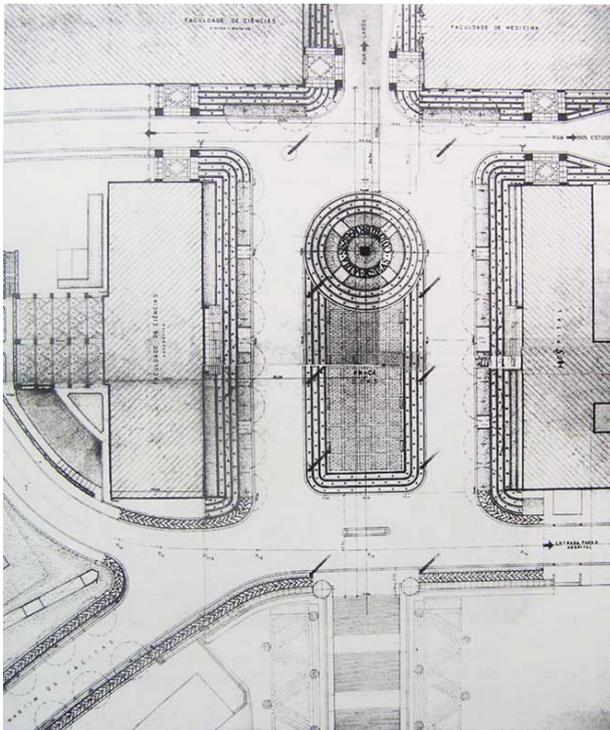


Fig. 68 – Planta de pavimentação da Praça D. Dinis.

A Rua Larga propriamente dita, com características de rua, limita-se agora ao espaço entre as novas Faculdades de Ciências e de Medicina. Acerca deste eixo, e especialmente sobre as Escadas Monumentais, C. Telmo refere a sua importância numa memória justificativa: *O eixo principal do conjunto da C. U. é determinado pela Porta Férrea, a actual Rua Cândido dos Reis, (Rua Larga) a projectada Praça D. Dinis e uma escadaria de que se junta o projecto. Com a sua construção o conjunto ganha grandeza: pela acentuação mais forte do eixo da composição e porque uma escadaria é sempre um elemento de monumentalidade. (...) O granito foi a pedra escolhida para a construção desta escadaria. Embora não seja um material da região é de grande duração e tem nobreza.*⁹⁰

O segundo momento deste percurso é a Praça D. Dinis, que pela sua escala é o mais imponente e espectacular, como se pode observar pelos perfis deste capítulo.

A praça D. Dinis, de acordo com este projecto ficaria delimitada por vários edifícios de grande escala que se ligavam entre si, abraçando-a em forma de U: a Faculdade de Matemática à esquerda, o Hospital à direita e, em frente um grande pórtico que marcava a entrada na Rua Larga, suportando um ático que unia superiormente as Faculdades de Medicina e de Ciências. Todavia, nem o Hospital nem os pórticos foram avante. Para construir o Hospital teria sido necessário demolir o Colégio de S. Jerónimo e o Colégio das Artes, e essas demolições, segundo o ministro das obras públicas seriam utópicas.⁹¹ Além disto, José Pedro Barata, dentro da CAPOCUC, hostiliza os pórticos de C. Telmo, que presidiam também ao espírito de Cristino da Silva: “... os elementos horizontais, espécie de entablamento suportado por pilares tem um volume tal, que a sua presença torna ridículos e diminutos os elementos do conjunto do Paço das Escolas que se apercebem ao fundo da Rua Larga ... a Praça D. Dinis é uma porta, uma antecâmara da Universidade, e se atendermos ao valor, volumes e significado dos edifícios que estão para lá desta entrada, sente-se que esta os domina em ostentação e presença plástica. ... parece chocante a imposição de elementos de raiz vagamente neoclássica, quase evocando uma “vontade de poder” que não deve ser característica de um ambiente universitário.”⁹²

A estrita simetria que presidiu à idealização da Praça D. Dinis, obrigou Lucínio Guia da Cruz, autor do projecto da Faculdade de Matemática, a aceitar uma cêrcea e uma disposição de andares semelhantes às do Hospital do arquitecto alemão Walter Distel, apesar de serem muito diferentes

⁹⁰ ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte. 2001. p. 213

⁹¹ *Ibidem* – p. 232

⁹² *Ibidem* – p. 235

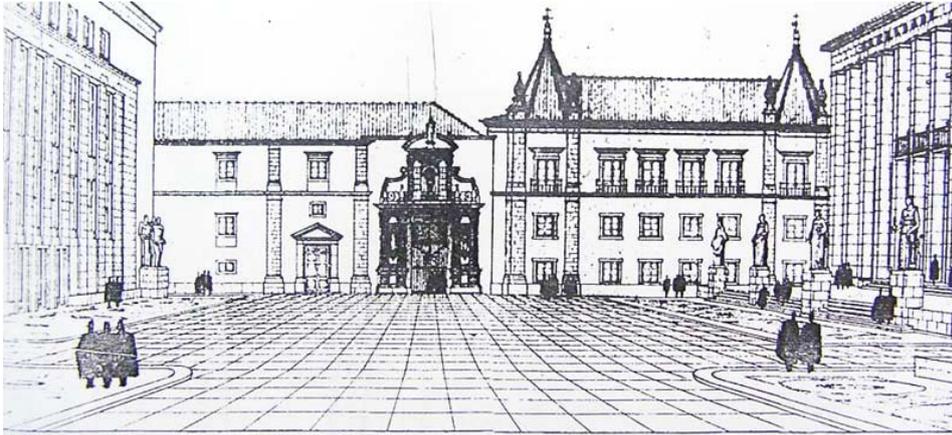


Fig. 69 – Desenho da Praça da Porta Férrea com o seu pavimento.



Fig. 70 – Escultura no cunhal da Biblioteca Geral, por Leopoldo de Almeida e António Duarte

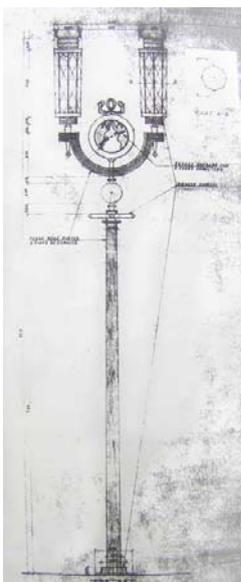


Fig 71 – Projecto de candeeiro para a Praça da Porta Férrea, 1952.

as finalidades e os pés-direitos exigidos.⁹³ O edifício da Matemática, com os seus altos 7 andares, acabou por ser construído entre 1964 e 69.⁹⁴

Em seguida temos a Rua Larga, com cerca de 24 metros de largura e 100 metros de comprimento, que faz a ligação entre a Praça D. Dinis e a Praça da Porta Férrea. A delimitá-la, as Faculdades de Medicina e de Ciências, a par do Hospital são os maiores edifícios da Cidade Universitária. Curiosamente, não seguindo a simetria que caracteriza todo o eixo, as fachadas dos dois blocos que ladeiam a Rua Larga são manifestamente diferentes, sendo obra do mesmo arquitecto. Do lado direito, a sólida e fechada frente de Medicina, do lado esquerdo a mais recuada e permeável fachada das Ciências. Nesta última, a criação da arcaria a todo o comprimento da Rua, “*dando-lhe um largo panorama sobre o Mondego*”, suscitou, na altura palavras de aplauso, embora infundadas, uma vez que da Rua, só era possível avistar o corpo sul do edifício.⁹⁵

Após a Rua Larga o espaço abre-se novamente para uma praça, tendo como pano de fundo o Paço das Escolas e a Porta Férrea, e dos lados, frente a frente a Biblioteca Geral e a Faculdade de Letras.

A busca paradoxal por um estilo simultaneamente “clássico” e “moderno”, “monumental” e “funcional”, está patente nas memórias dos projectos da Faculdade de Letras e da Biblioteca Geral, assinados por Alberto Pessoa.⁹⁶ A Biblioteca Geral surgiu da transformação da antiga Faculdade de Letras de Silva Pinto. Oliveira Salazar incluía esta nas “imponentes massas” que deveriam sobressair,⁹⁷ mas no final acabou por ser um dos blocos menos volumosos.

Ao longo do eixo monumental é de salientar a presença de relevos e estátuas, quer nos edifícios, quer a pontuar as praças, e dos candeeiros, contrastando com a pouca importância dada ao elemento vegetal. Quanto ao pavimento, houve vários projectos de lajeados e calcetados, (na Praça da Porta Férrea e D. Dinis), mas no fim optou-se por asfaltar.⁹⁸

⁹³ *Idem* – p. 602

⁹⁴ ROSMANINHO, Nuno, outros – *Evolução do Espaço físico de Coimbra*. 2006. p. 75-76

⁹⁵ ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte*. 2001. p. 602

⁹⁶ GRANDE, Nuno – *Coimbra: 3 pólos universitários, 3 “faces” da arquitectura portuguesa*. Rua Larga. (2010), vol. 29. p. 58

⁹⁷ ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte*. 2001. p. 345

⁹⁸ ROSMANINHO, Nuno – *O Poder da Arte*. 2001. p. 621



Fig. 72 – Alta Universitária, em que o eixo integrado pela Rua Larga, assume o protagonismo.



Fig. 73 – Plano de pormenor da alta universitária de Gonçalo Byrne, 1998.

7: 2010 – A actualidade

Como se sabe, o Plano da CAPOCUC para a alta universitária não foi levado até ao fim, e após a conclusão em 1975 do último grande edifício de aulas,⁹⁹ que hoje alberga os departamentos de Física e Química não foram grandes as modificações até à nossa data.

Contudo, nos últimos anos, em sequência do Plano de reconversão da Alta Universitária do Arq.º Gonçalo Byrne e da candidatura da Universidade de Coimbra a Património Mundial da Unesco, prevê-se nos próximos tempos que haja mudanças substanciais no espaço correspondente ao eixo que se analisa, e também na Alta em geral.

Até à data, algumas obras dignas de registo foram a repavimentação da Rua Larga e da Praça da Porta Férrea, que limitou em parte a circulação automóvel, em 2000 a conclusão do Auditório da Faculdade de Direito do Arq.º Fernando Távora,¹⁰⁰ e mais recentemente algumas obras de recuperação do património construído, no Paço das Escolas e em alguns Colégios.

O plano de Gonçalo Byrne, com cerca de 15 anos visa a “regeneração” do espaço da Alta, mas ao longo dos anos muito mudou na realidade da UC e da própria cidade.¹⁰¹ Neste plano estão inseridos projectos como: uma nova Praça D. Dinis com um estacionamento subterrâneo, o CIDUC, que funciona como porta de entrada na Universidade recebendo os turistas, situado entre a Faculdade de Medicina e o Colégio de S. Jerónimo, o arranjo dos espaços verdes na cerca deste Colégio, salas de estudo e lazer nocturno no pátio de Físico-Química,¹⁰² a reconversão da Faculdade de Medicina em espaços habitacionais e comerciais, entre outros.

Quanto ao conjunto do Paço das Escolas, este continua em evolução. Na viragem do século conclui-se a mais recente adição: o Auditório da Faculdade de Direito. Revela-se objectual na sua relação com a envolvente construída e com a topografia, salientando a ideia de acrópole onde se apoiam objectos soltos. Fernando Távora, através da simplicidade da composição, orientada

⁹⁹ ROSMANINHO, Nuno, outros – Evolução do Espaço físico de Coimbra. 2006. p. 75-76.

¹⁰⁰ Fernando Távora. – [Em Linha] actual. 2010. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_T%C3%A1vora

¹⁰¹ PIÇARRA, Sofia – Prepara-se uma revolução na Alta Universitária. [Em Linha] 2009.

¹⁰² Coimbra, Requalificação da alta universitária, Gonçalo Byrne [Em Linha], 2010. Disponível em: <http://www.arquitectura.pt/forum/f29/coimbra-requalifica-da-alta-universit-ria-gon-alo-byrne-14748/>



Fig. 74 – A Rua Larga em 2005.



Fig. 75 – Maquete do projecto de Gonçalo Byrne, exposiao em 2006.



Fig. 76 – Praça D. Dinis, imagem do projecto “Alta Co(n)vida”, do autor e outros colegas de turma.

por eixos ortogonais e simetria, concebe um volume moderno, mas em continuidade com a história que o rodeia.

Também a Alta de Coimbra foi alvo da disciplina de Projecto V, orientada pelo Arquitecto Byrne no ano lectivo de 2008/09 no Departamento de Arquitectura da FCTUC. No projecto de grupo “Alta Co(n)vida” desenvolvido por mim e outros colegas de turma, foi dada especial importância aos espaços públicos, sendo um dos objectivos fundamentais, consolidar formal e funcionalmente, o eixo constituído pelas Escadas Monumentais, Praça D. Dinis, Rua Larga e Praça da Porta Férrea.¹⁰³ Este e outros projectos foram apresentados na exposição “Visões Urbanas para a Alta de Coimbra” em 2009, no Museu Machado de Castro,¹⁰⁴ possibilitando fazer um debate e colocar questões sobre o futuro deste núcleo da cidade.

¹⁰³ VILAS BOAS, Rúben, NUNES, Tiago, FERNANDES, Patrícia, NEVES, Marina – Alta Co(n)vida. 2009. 27 diapositivos : color.

¹⁰⁴ dARQ/FCTUC – *Visões Urbanas para a Alta de Coimbra*. (exposição), 2009. Disponível em <http://mnmachadodecastro.imc-ip.pt/pt-PT/exposicoes/jarealizadas/ContentDetail.aspx?id=950>

A: 1377 – A cidade medieval

Planta de cobertura

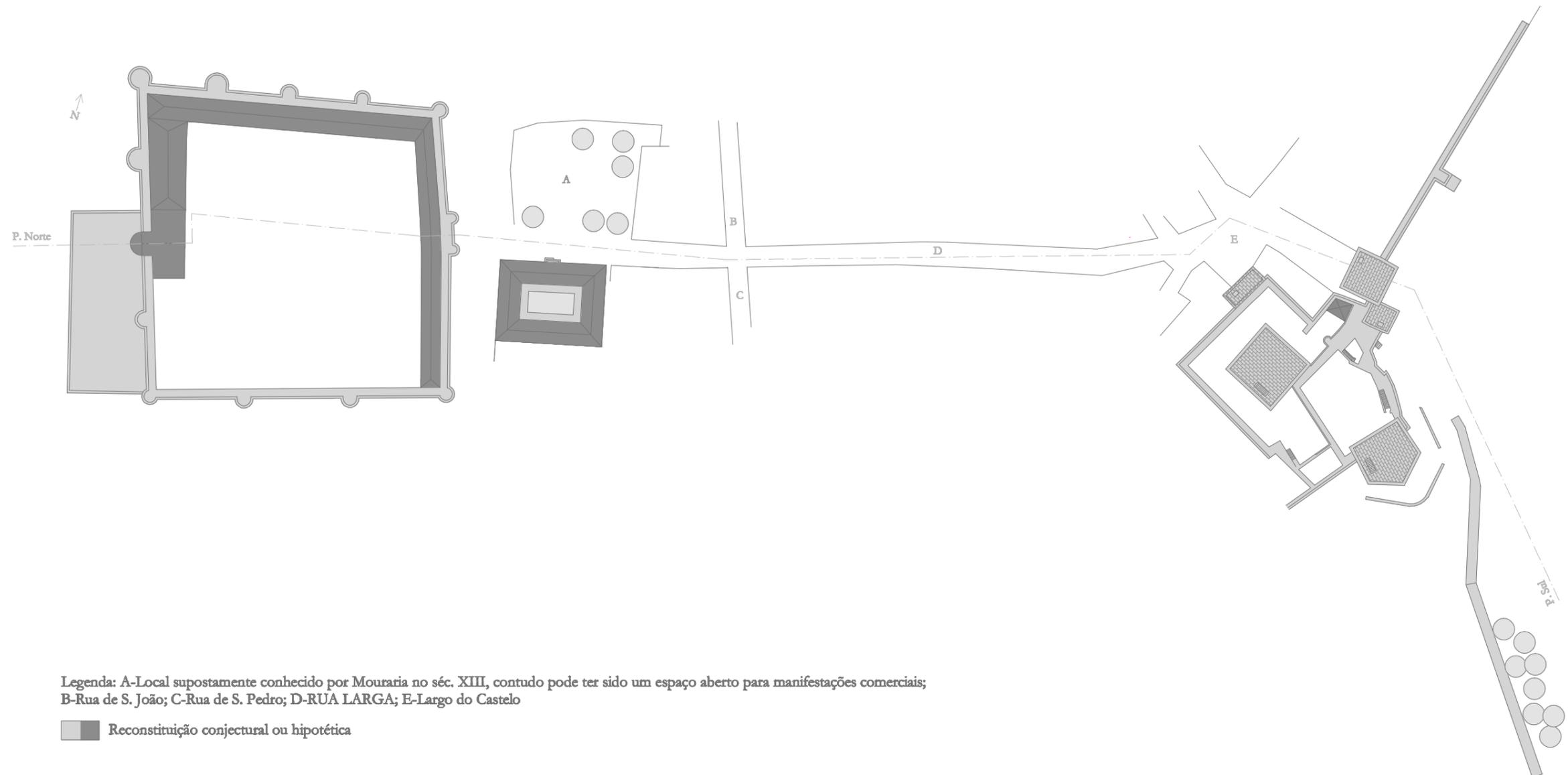
Planta dos pisos térreos

Planta de funções

Perfis Norte e Sul

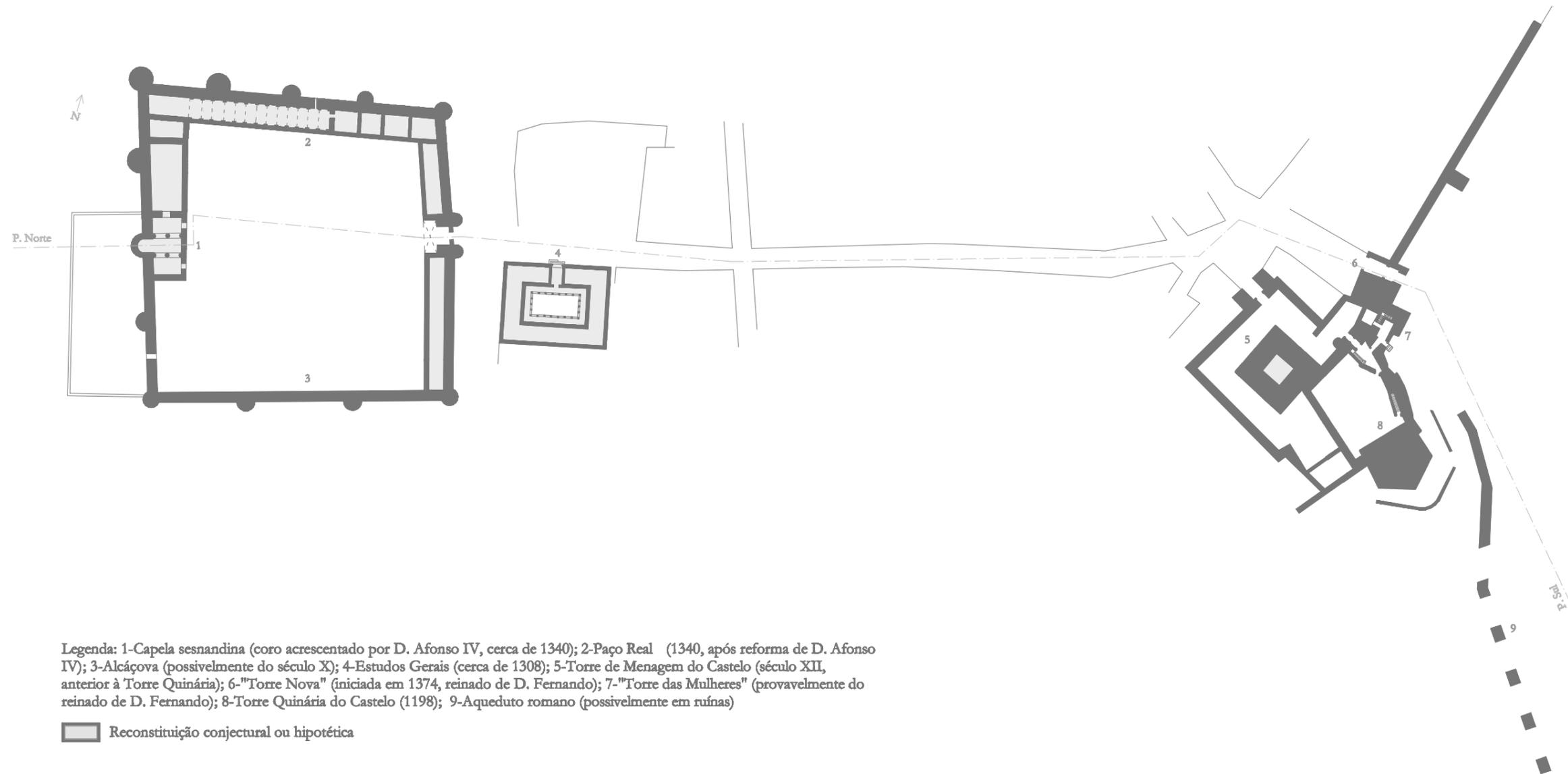
A: 1377 - A cidade medieval

Planta de cobertura, esc: 1/1100



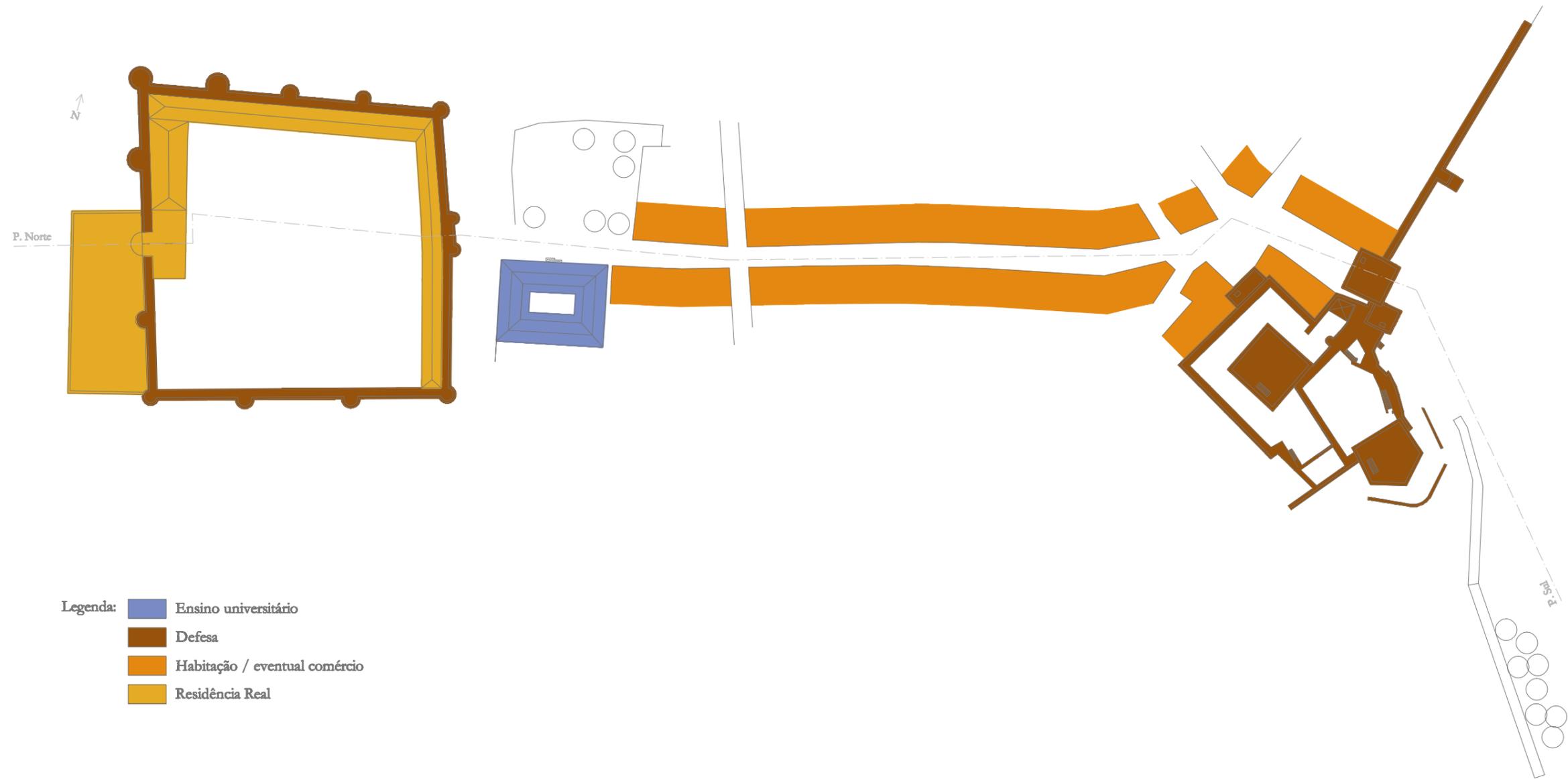
A: 1377 - A cidade medieval

Planta dos pisos térreos, esc: 1/1100



A: 1377 - A cidade medieval

Planta de funções, esc:1/1100



A: 1377 - A cidade medieval

Perfis Norte e Sul, esc: 1/700



Legenda: 1-Capela Sesnandina (coro acrescentado por D. Afonso IV, cerca de 1340); 2-Paço Real (1340, após reforma de D. Afonso IV); 3-Porta do Paço Real; 4-"Torre Nova" (iniciada em 1374, reinado de D. Fernando) ; 5-Aqueduto romano (possivelmente em ruínas); 6-Torre Quinária do Castelo (1198); 7-Torre de Menagem do Castelo (século XII, anterior à Torre Quinária) ; 8-Estudos Gerais (cerca de 1308); 9-Alcáçova (possivelmente do século X)

Reconstituição conjectural ou hipotética

B: 1678 – Os Colégios Universitários

Planta de cobertura

Planta dos pisos térreos

Planta de funções

Perfis Norte e Sul

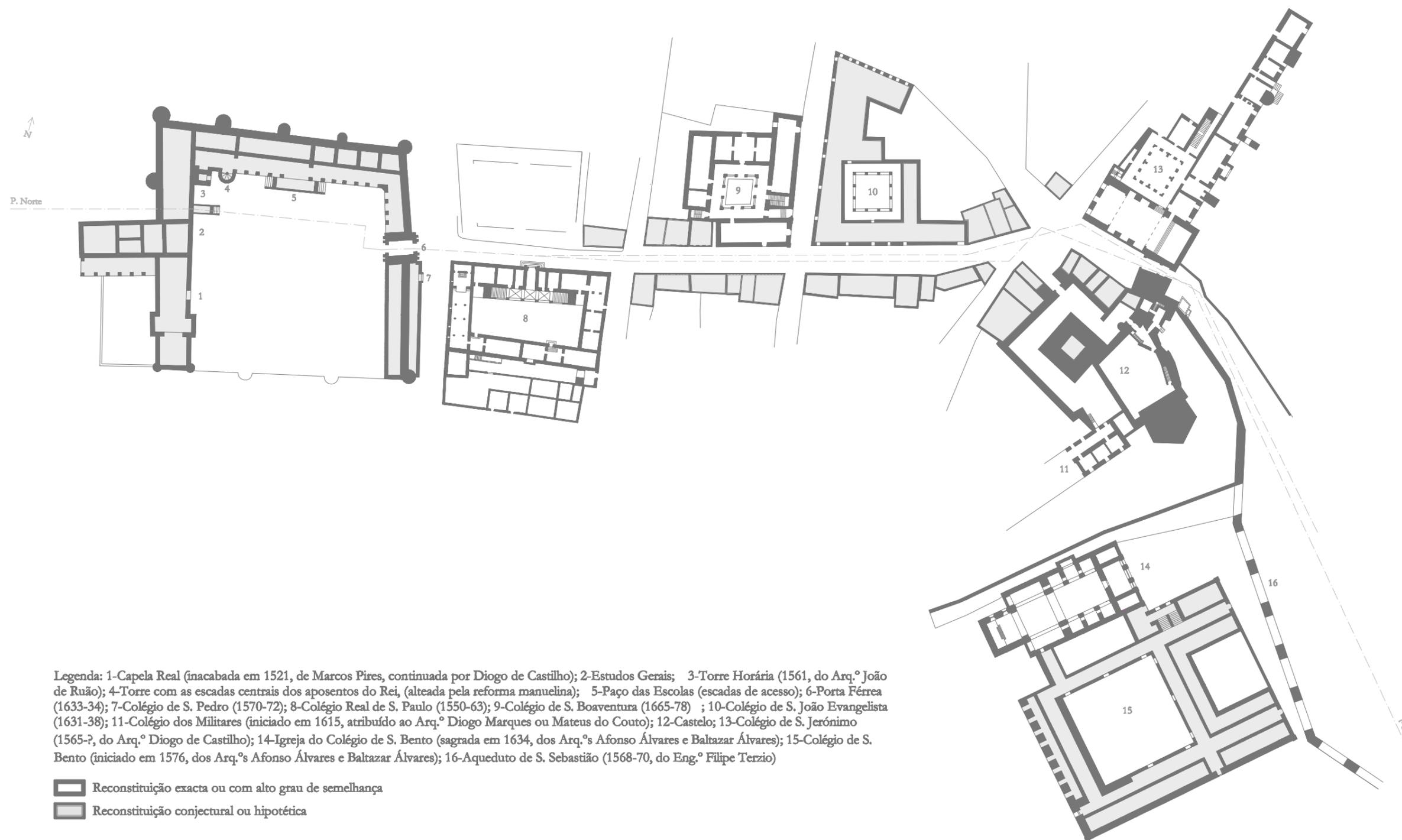
B: 1678 - Os Colégios Universitários

Planta de cobertura, esc: 1/1200



B: 1678 - Os Colégios Universitários

Planta dos pisos térreos, esc: 1/1200



B: 1678 - Os Colégios Universitários

Planta de funções, esc: 1/1200



- Legenda:
- Ensino universitário
 - Serviços
 - Religião
 - Habitação / eventual comércio

B: 1678 - Os Colégios Universitários

Perfis Norte e Sul, esc: 1/700



Perfil Norte



Perfil Sul

Legenda: 1-Estudos Gerais; 2-Torre com as escadas centrais dos aposentos do Rei, (alteada pela reforma manuelina); 3-Torre Horária (1561, do arq.º João de Ruão); 4-Paço das Escolas (escadas de acesso); 5-Porta Férrea (1633-34, do projectista António Tavares e estatuário Manuel de Sousa); 6-Colégio de S. Boaventura (1665-78) ; 7-Igreja do Colégio das Onze Mil Virgens (1541-1698, do Arq.º Baltazar Álvares); 8-Colégio de S. João Evangelista (1631-38) ; 9-Igreja do Colégio de S. Jerónimo (1565-?, do arq.º Diogo de Castilho) ; 10-"Torre Nova" (começada em 1374); 11-Aqueduto de S. Sebastião (1568-70, do Eng.º Filipe Terzio) ; 12-Colégio de S. Bento (iniciado em 1576, dos Arq.ºs Afonso Álvares e Baltazar Álvares) ; 13-Igreja do Colégio de S. Bento (sagrada em 1634, dos Arq.ºs Afonso Álvares e Baltazar Álvares); 14-Torre Quinária do Castelo; 15-"Torre das Mulheres" (possivelmente do século XIV); 16-Torre de Menagem do Castelo; 17-Colégio Real de S. Paulo (1550-63); 18-Estudos Gerais (Ala do Infante D. Pedro)

Reconstituição exacta ou com alto grau de semelhança
 Reconstituição conjectural ou hipotética

C: 1799 – As reformas e projectos do século XVIII

Planta de cobertura

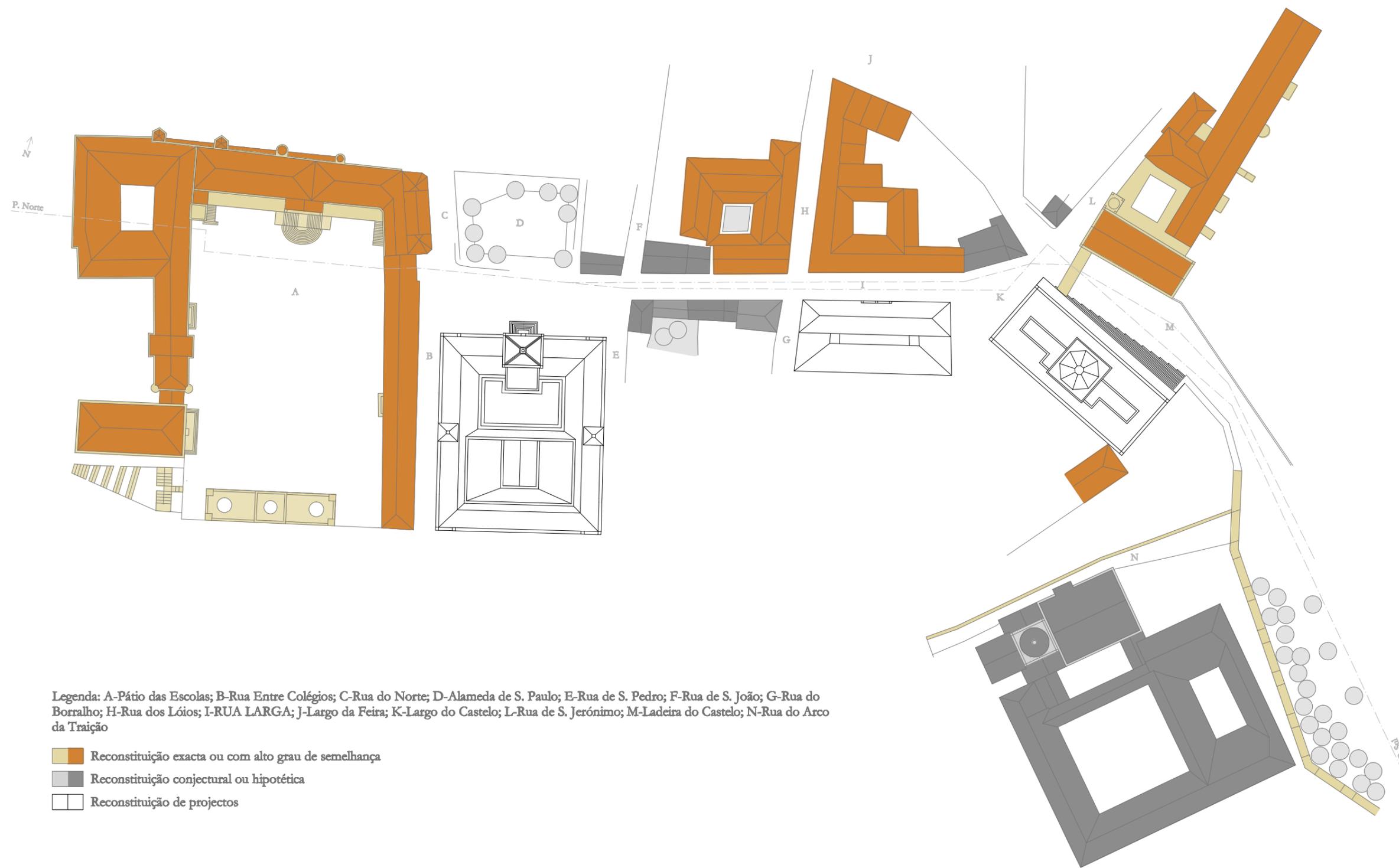
Planta dos pisos térreos

Planta de funções

Perfis Norte e Sul

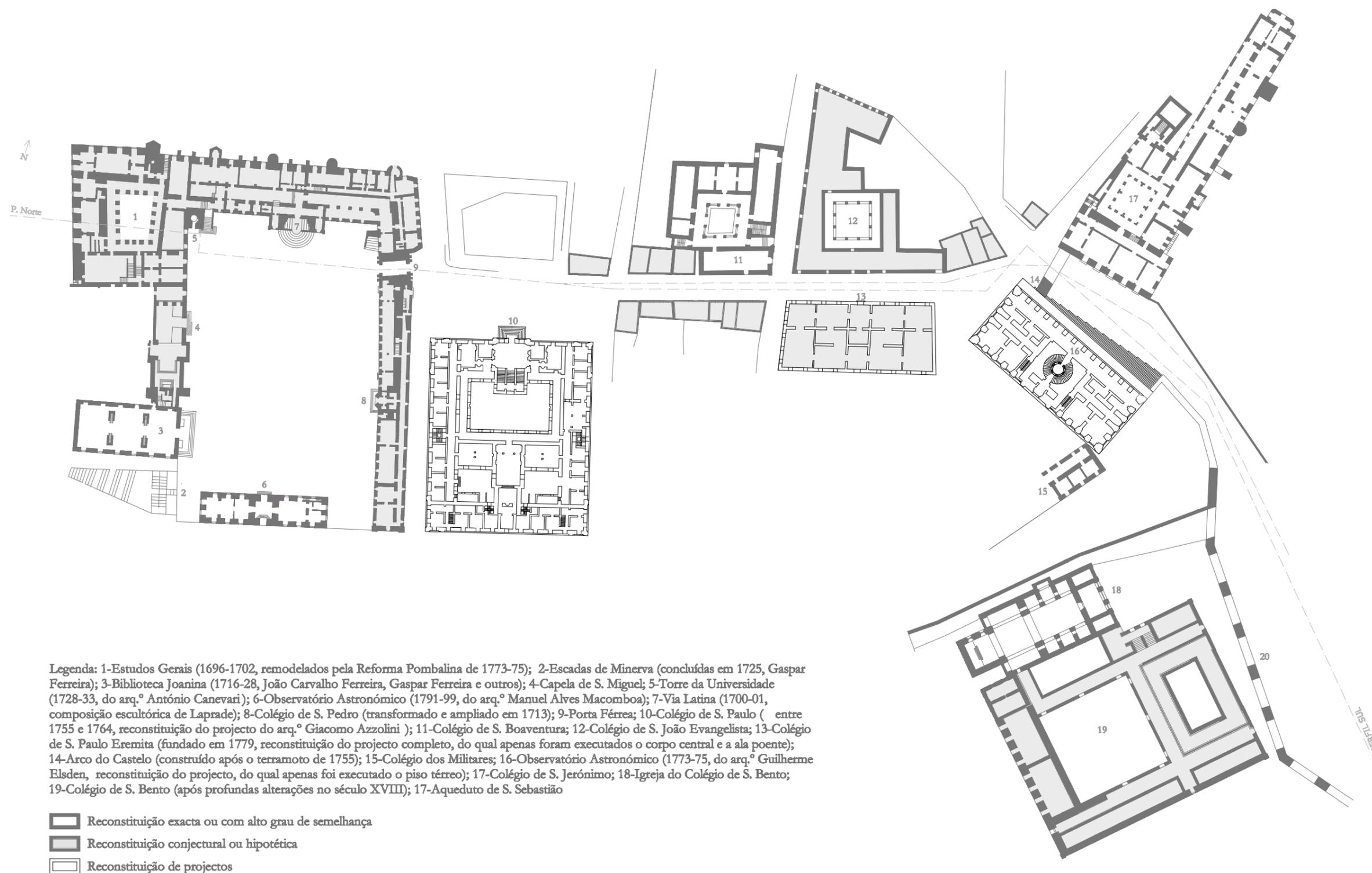
C: 1799 - As reformas e projectos do século XVIII

Planta de cobertura, esc: 1/1200



C: 1799 - As reformas e projectos do século XVIII

Planta dos pisos térreos, esc: 1/1200



C: 1799 - As reformas e projectos do século XVIII

Planta de funções, esc: 1/1200



C: 1799 - As reformas e projectos do século XVIII

Perfis Norte e Sul, esc: 1/700



Legenda: 1-Estudos Gerais (1696-1702, remodelados pela Reforma Pombalina de 1773-75); 2-Torre da Universidade (1728-33, do arq.º António Canevari); 3-Via Latina (1700-01, composição escultórica de Laprade); 4-Colunata da Via Latina (1773-75); 5-Porta Férrea; 6-Colégio de S. Boaventura; 7-Igreja do Colégio de Jesus; 8-Colégio de S. João Evangelista; 9-Arco do Castelo (construído após o terramoto de 1755); 10-Igreja do Colégio de S. Jerónimo; 11-Aqueduto de S. Sebastião; 12-Colégio de S. Bento (após profundas alterações no século XVIII); 13-Igreja do Colégio de S. Bento; 14-Observatório Astronómico (1773-75, do arq.º Guilherme Elsdén, reconstituição do projecto, do qual apenas foi executado o piso térreo); 15-Colégio de S. Paulo Eremita (fundado em 1779, reconstituição do projecto completo, do qual apenas foram executados o corpo central e a ala poente); 16-Colégio de S. Paulo (entre 1755 e 1764, reconstituição do projecto do arq.º Giacomo Azzolini); 17-Observatório Astronómico do Pátio da Universidade (1791-99, do arq.º Manuel Alves Maccomboa)

Reconstituição exacta ou com alto grau de semelhança
 Reconstituição conjectural ou hipotética
 Reconstituição de projectos

D: 1934 – O legado de vários séculos

Planta de cobertura

Planta dos pisos térreos

Planta de funções

Perfis Norte e Sul

D: 1934 - O legado de vários séculos

Planta de cobertura, esc: 1/1200



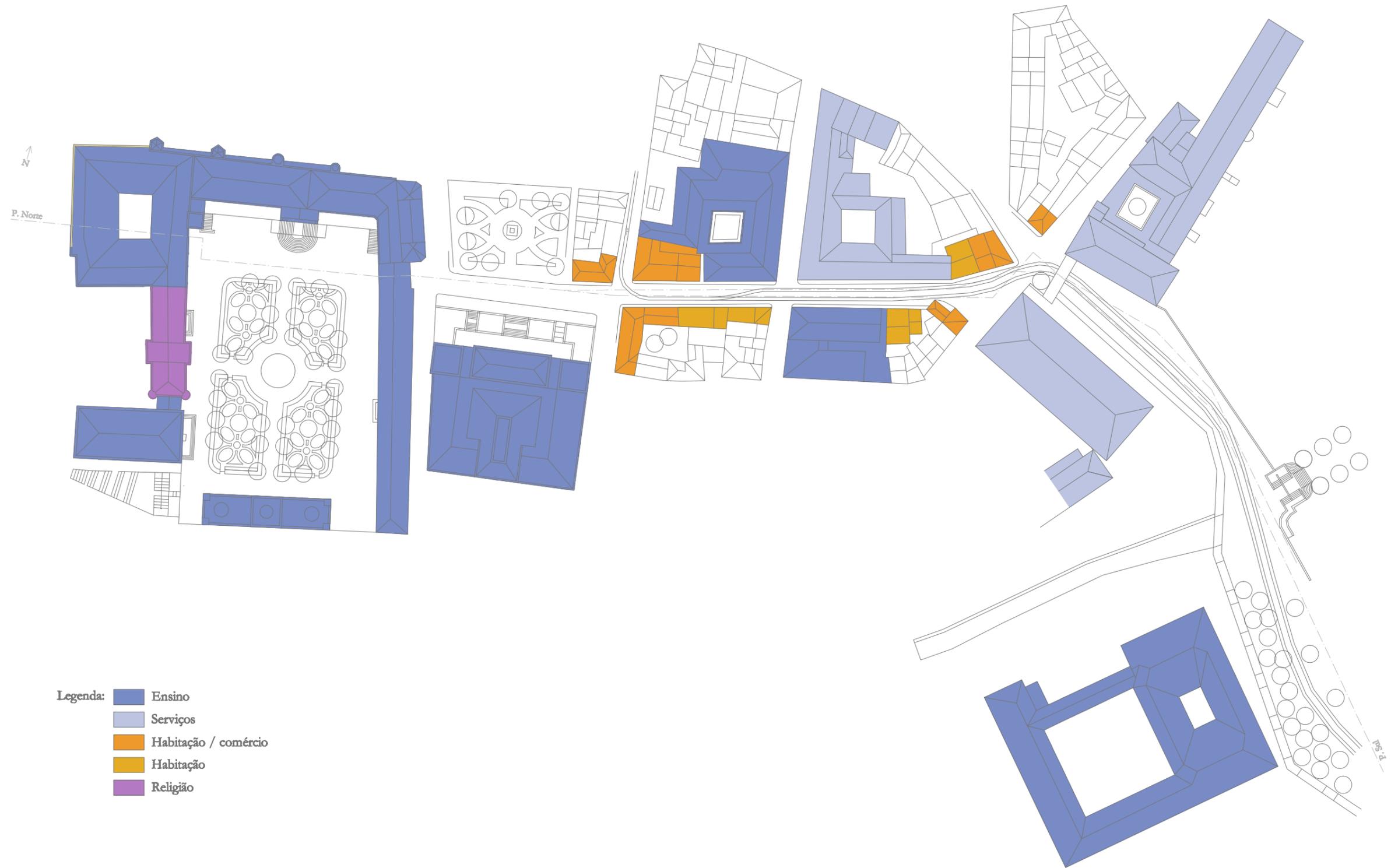
D: 1934 - O legado de vários séculos

Planta dos pisos térreos, esc: 1/1200



D: 1934 - O legado de vários séculos

Planta de funções, esc: 1/1200



D: 1934 - O legado de vários séculos

Perfis Norte e Sul, esc: 1/700



Legenda: 1-Estudos Gerais; 2-Torre da Universidade; 3-Via Latina; 4-Porta Férrea; 5-Monumento a Camões (cerca de 1880); 6-Colégio de S. Boaventura (Instituto de Antropologia após refoma universitária em 1911) ; 7-Sé Nova; 8-Colégio de S. João Evangelista (transformado para receber serviços públicos); 9-Arco do Castelo; 10-Colégio de S. Jerónimo (aspecto após a instalação do Hospital, em 1848) ; 11-Escadas do Liceu (referenciadas desde 1890); 12-Aqueduto de S. Sebastião; 13-Colégio de S. Bento (Liceu Infanta D. Maria); 14-Lavandaria do Hospital (instalada no piso térreo do Observatório Astronómico não concluído) ; 15-Colégio de S. Paulo Eremita (Associação Académica de Coimbra) ; 16-Faculdade de Letras (1912-29, do arq.º Silva Pinto) ; 17-Observatório Astronómico do Pátio da Universidade.

Reconstituição exacta ou com alto grau de certeza

E: 1966 – O projecto da Cidade Universitária

Planta de cobertura

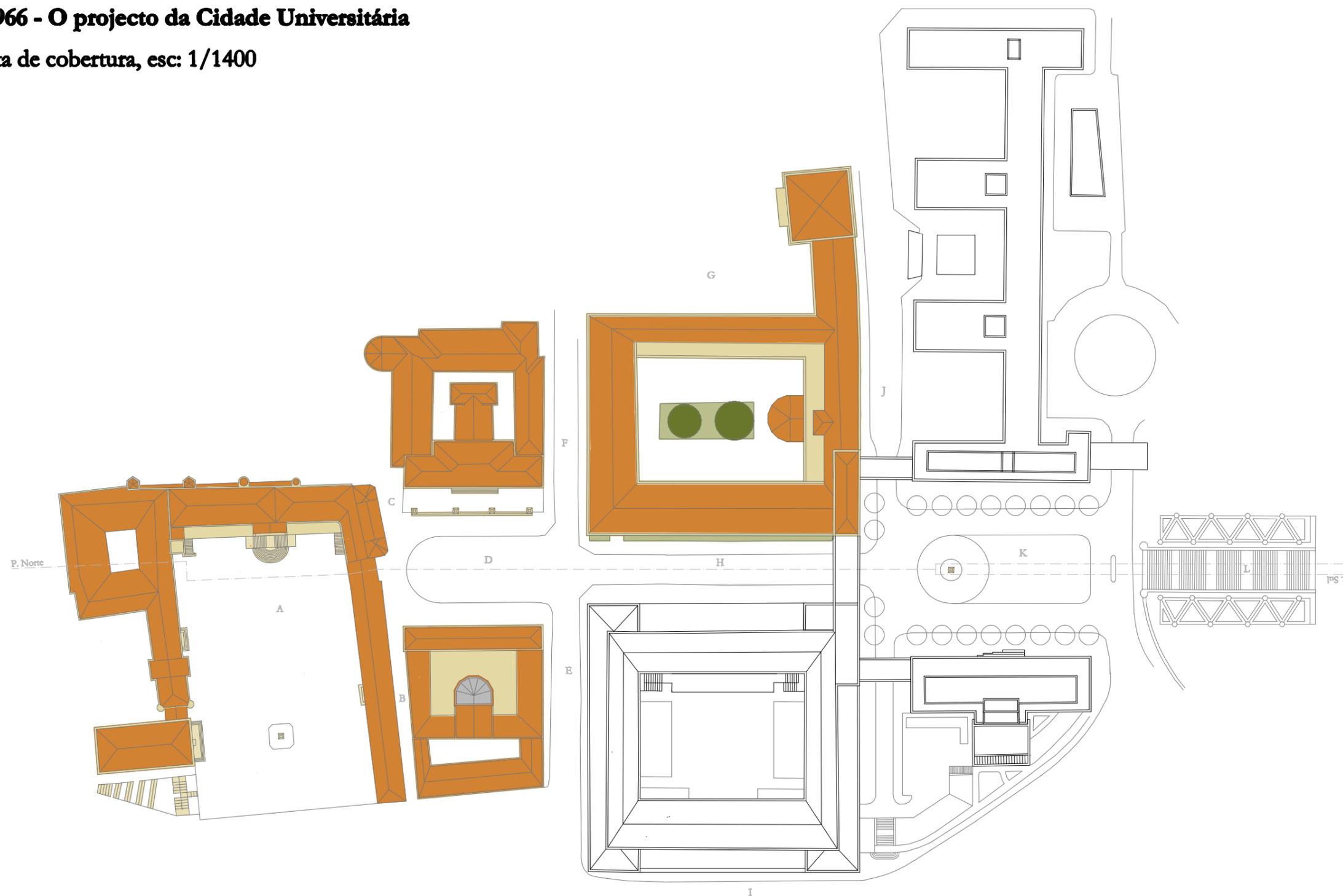
Planta dos pisos térreos

Planta de funções

Perfis Norte e Sul

E: 1966 - O projecto da Cidade Universitária

Planta de cobertura, esc: 1/1400

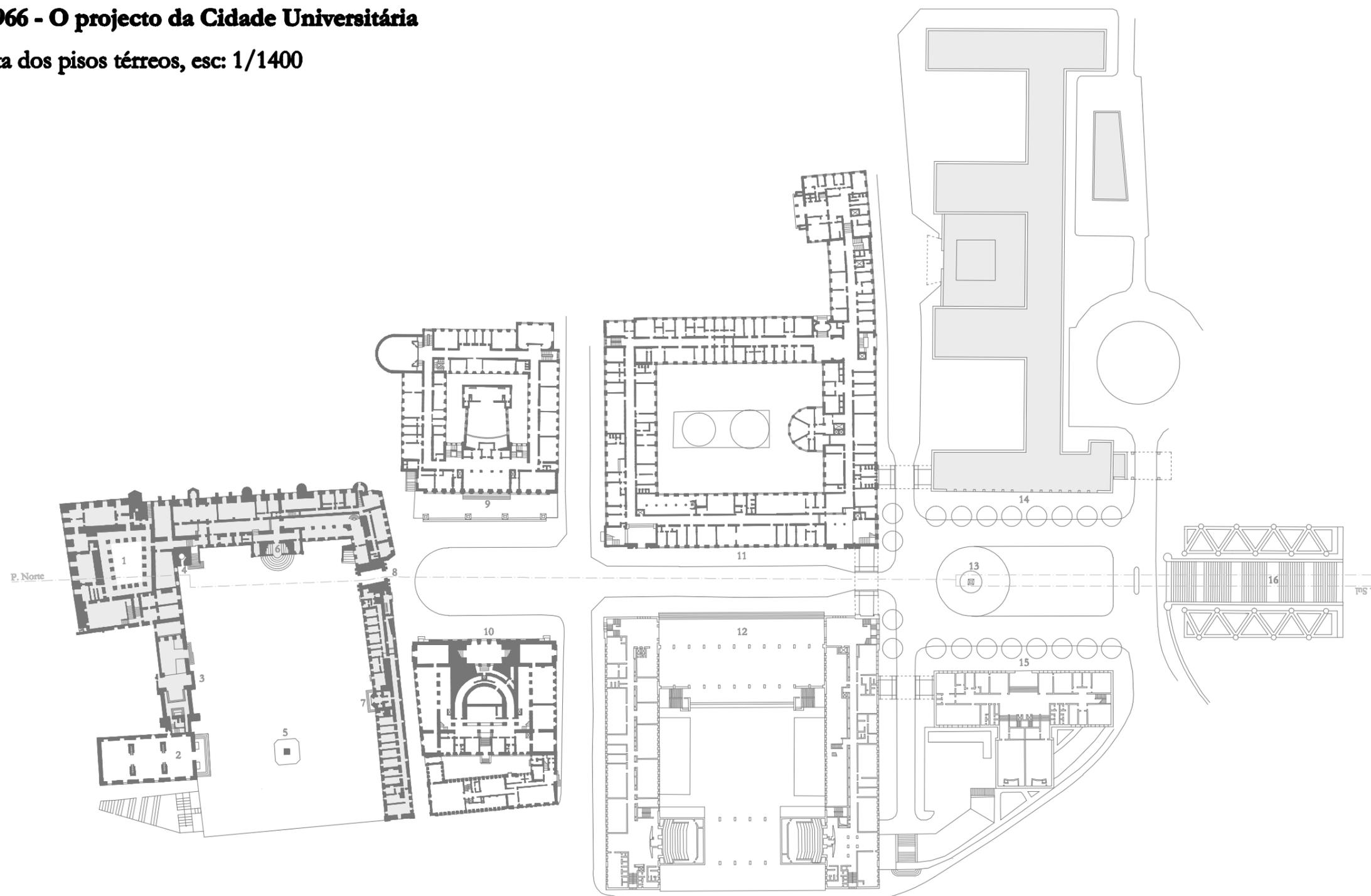


Legenda: A-Pátio das Escolas; B-Rua Entre Colégios; C-Rua do Norte; D-Praça da Porta Férrea; E-Rua de S. Pedro; F-Rua de S. João; G-Largo da Feira; H-RUA LARGA; I-Rua do Arco da Traição; J-Rua dos Estudos; K-Praça D. Dinis; L-Escadas Monumentais

- Reconstituição exacta ou com alto grau de semelhança
- Reconstituição de projectos

E: 1966 - O projecto da Cidade Universitária

Planta dos pisos térreos, esc: 1/1400

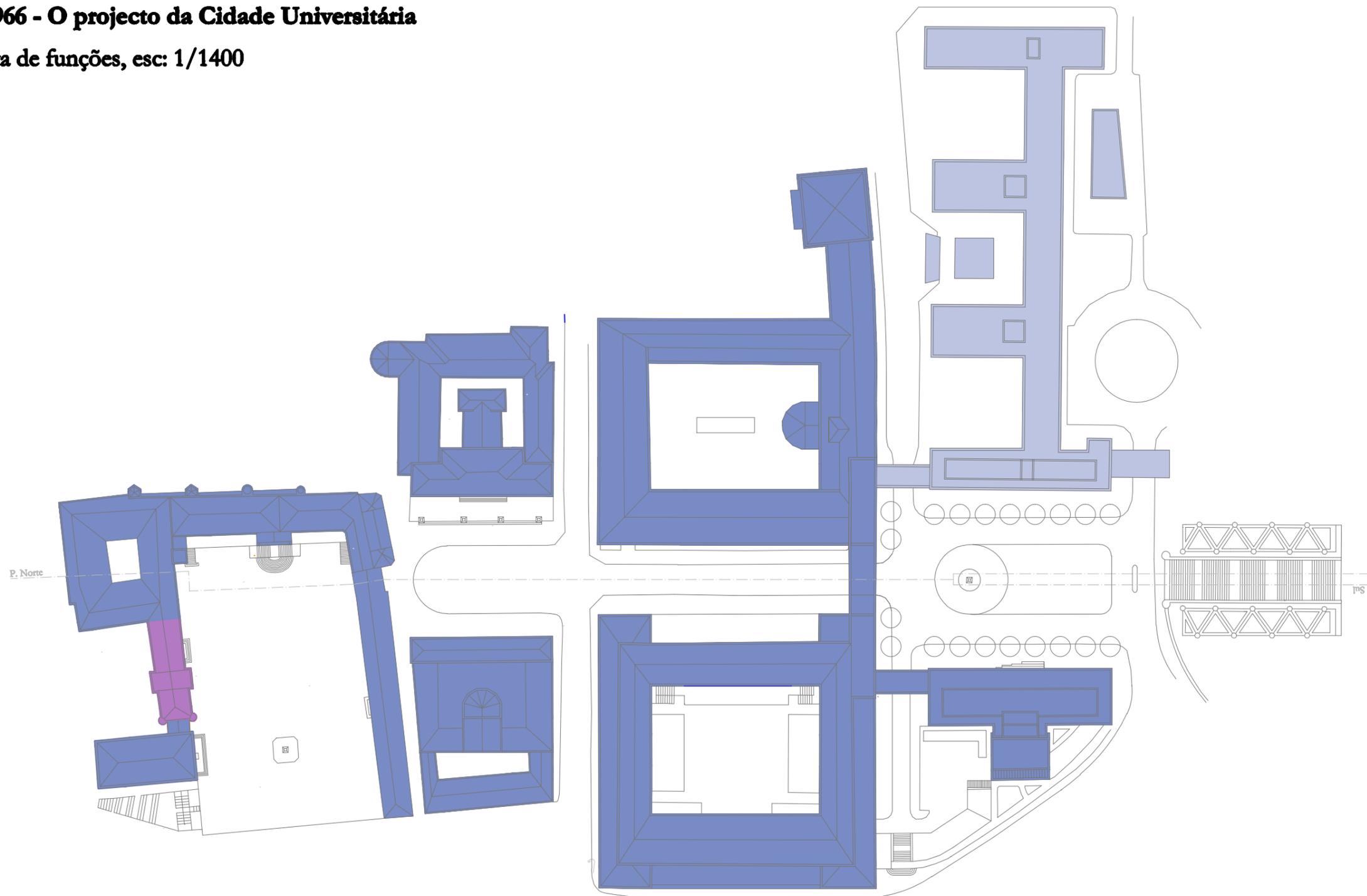


Legenda: 1-Estudios Gerais; 2-Biblioteca Joanina; 3-Capela de S. Miguel; 4-Torre da Universidade; 5- Estatua de D. João III (1944-50, de Francisco Franco); 6-Via Latina; 7-Colégio de S. Pedro; 8-Porta Férrea; 9-Faculdade de Letras (1945-51, do Arq.º Alberto Pessoa); 10-Biblioteca Geral (1942-56, do Arq.º Alberto Pessoa, adaptação da anterior Faculdade de Letras); 11-Faculdade de Medicina (1949-56, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 12-Faculdade de Ciências (1966-75, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 13-Estatua de D. Dinis (inaugurada em 1943, de Francisco Franco); 14-Hospital da Universidade (1952, do Arq.º Walter Distel); 15- Faculdade de Matemática (1964-69, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 16-Escadas Monumentais (1947-50, do Arq.º Cottinelli Telmo)

-  Reconstituição exacta ou com alto grau de semelhança
-  Reconstituição de projectos

E: 1966 - O projecto da Cidade Universitária

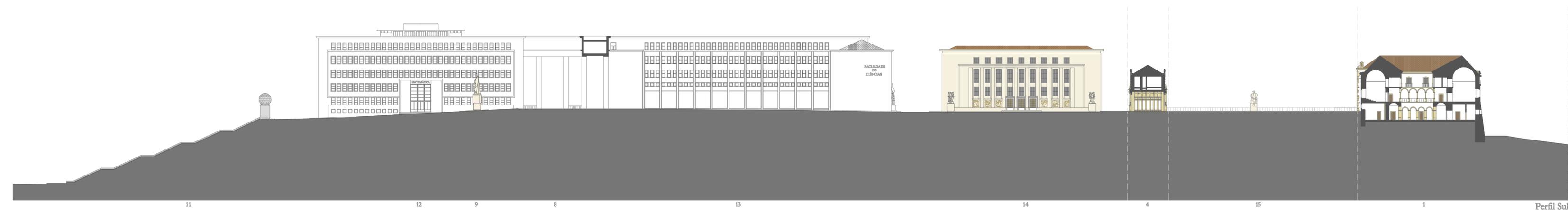
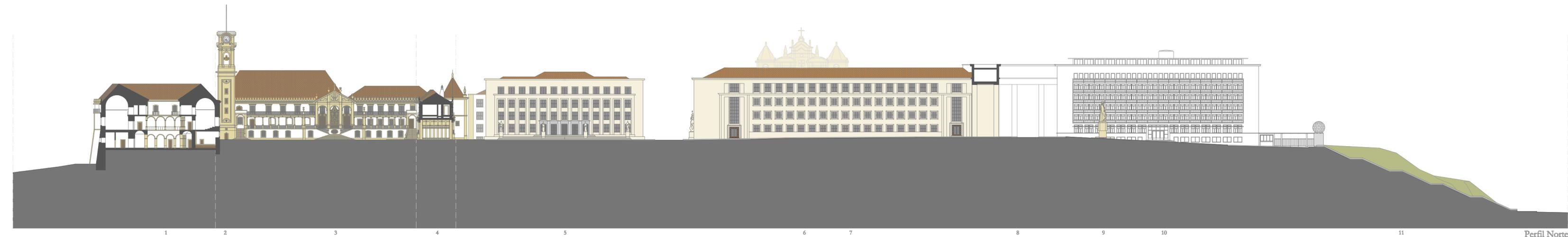
Planta de funções, esc: 1/1400



- Legenda:
- Ensino universitário
 - Serviços
 - Religião

E: 1966 - O projecto da Cidade Universitária

Perfis Norte e Sul, esc: 1/700



Legenda: 1-Estudios Gerais; 2-Torre da Universidade; 3-Via Latina; 4-Porta Fétrea; 5-Faculdade de Letras (1945-51, do Arq.º Alberto Pessoa); 6-Sé Nova; 7-Faculdade de Medicina (1949-56, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz) ; 8-Pórticos com ligação superior entre os edifícios; 9-Estátua de D. Dinis (inaugurada em 1943, de Francisco Franco) ; 10-Hospital da Universidade (1952, do Arq.º Walter Distel) ; 11-Escadas Monumentais (1947-50, do Arq.º Cottinelli Telmo) ; 12-Faculdade de Matemática (1964-69, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 13-Faculdade de Ciências (1966-75, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 14-Biblioteca Geral (1942-56, do Arq.º Alberto Pessoa, adaptação da anterior Faculdade de Letras); 15-Estátua de D. João III (1944-50, de Francisco Franco)

Reconstituição exacta ou com alto grau de semelhança



Reconstituição de projectos



F: 2010 – A actualidade

Planta de cobertura

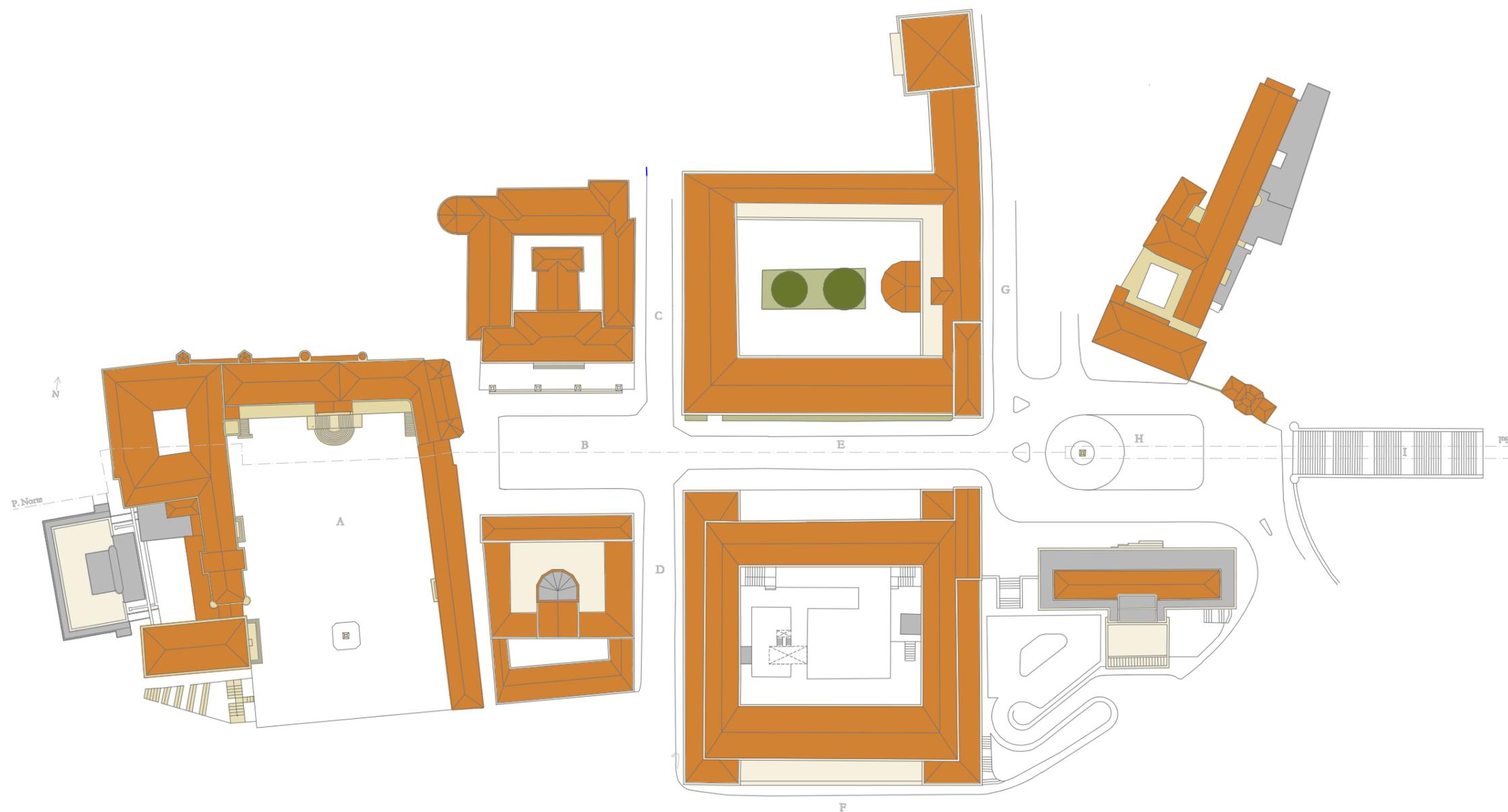
Planta dos pisos térreos

Planta de funções

Perfis Norte e Sul

F: 2010 - A actualidade

Planta de cobertura, esc: 1/1400

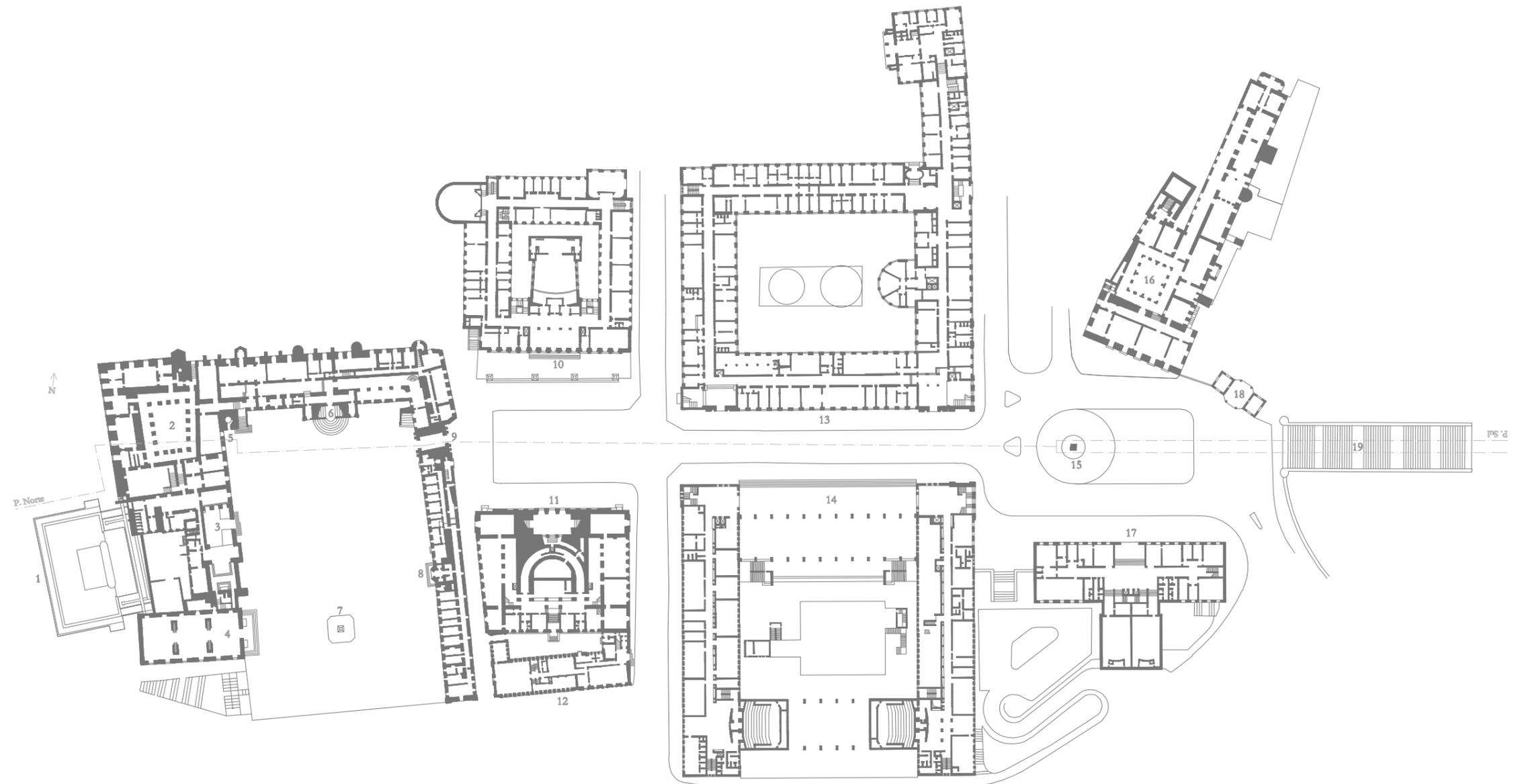


Legenda: A-Pátio das Escolas; B-Rua Entre Colégios; C-Rua do Norte; D-Praça da Porta Férrea; E-Rua de S. Pedro; F-Rua de S. João; G-Largo da Feira; H-RUA LARGA; I-Rua do Arco da Traição; J-Rua dos Estudos; K-Praça D. Dinis; L-Escadas Monumentais

 Reconstituição exacta ou com alto grau de semelhança

F: 2010 - A actualidade

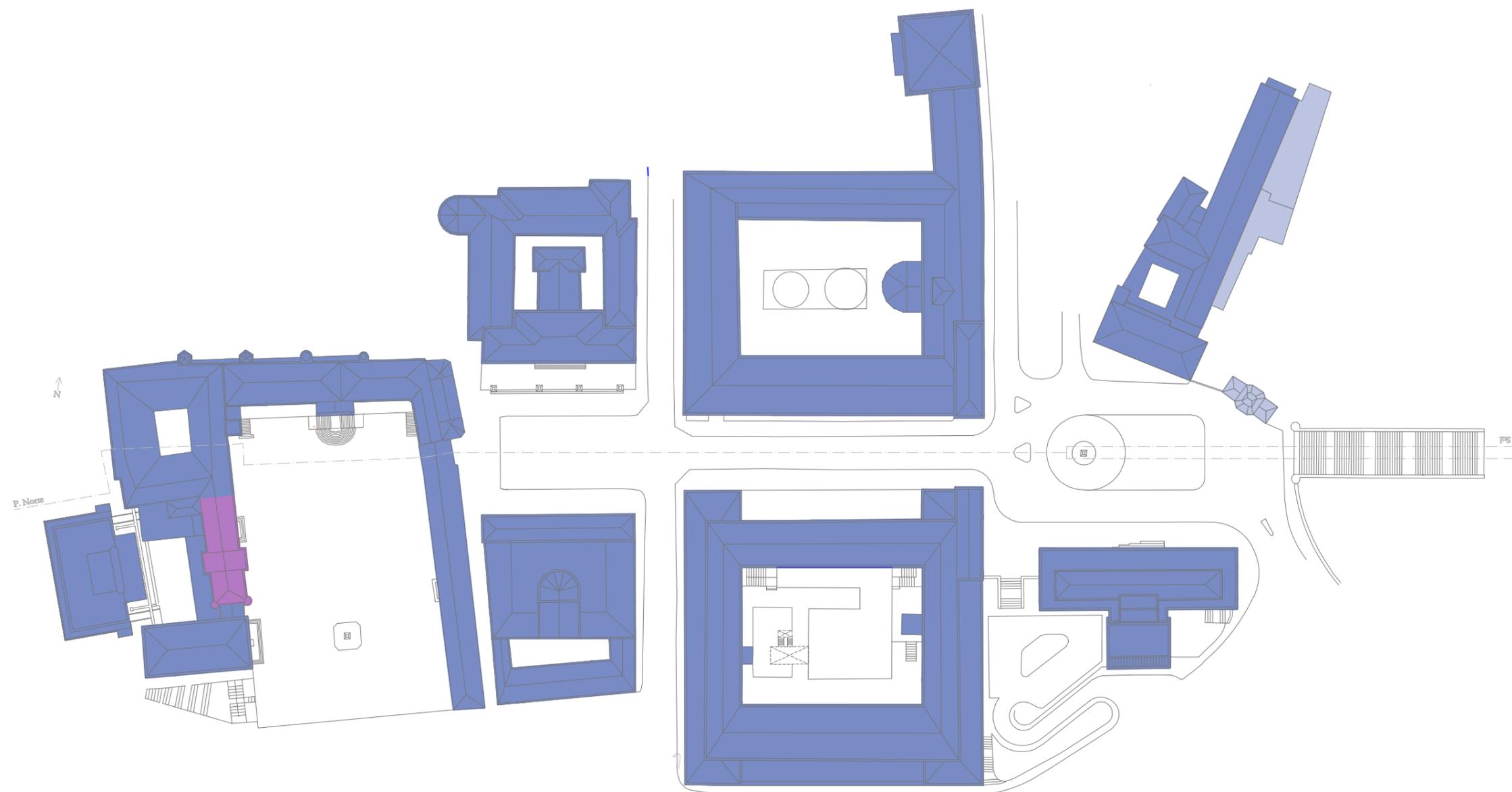
Planta dos pisos térreos, esc: 1/1400



Legenda: 1-Auditório da Faculdade de Direito (1993-2000, do arq.º Fernando Távora); 2-Estudos Gerais; 3-Capela de S. Miguel; 4-Biblioteca Joanina; 5-Torre da Universidade; 6-Via Latina; 7-Estátua de D. João III (1944-50, de Francisco Franco); 8-Colégio de S. Pedro; 9-Porta Férrea ; 10-Faculdade de Letras (1945-51, do Arq.º Alberto Pessoa); 11-Biblioteca Geral (1942-56, do Arq.º Alberto Pessoa, adaptação da anterior Faculdade de Letras); 12-Arquivo (1943-48, do Arq.º Alberto Pessoa); 13-Faculdade de Medicina (1949-56, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz) ; 14-Faculdade de Ciências (1966-75, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz, departamentos de Física e Química); 15-Estátua de D. Dinis (inaugurada em 1943, de Francisco Franco) ; 16-Colégio de S. Jerónimo (pertencente à Universidade) ; 17-Faculdade de Matemática (1964-69, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 18-Portaria do Hospital (anos 1930, do Arq.º Luís Benavente) ; 19-Escadas Monumentais (1947-1950, do Arq.º Cottinelli Telmo)

F: 2010 - A actualidade

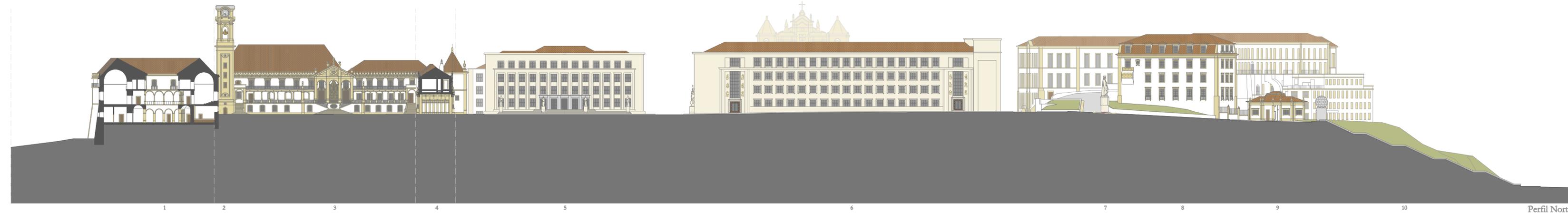
Planta de funções, esc: 1/1400



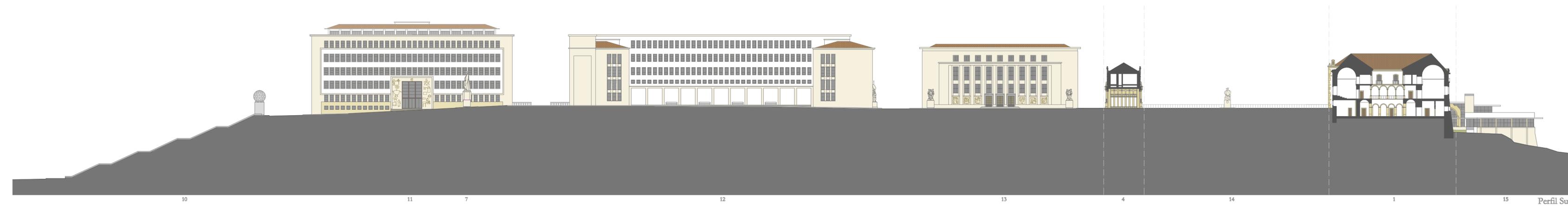
- Legenda:
- Ensino universitário
 - Serviços
 - Religião

F: 2010 - A actualidade

Perfis Norte e Sul, esc: 1/700



Perfil Norte



Perfil Sul

Legenda: 1-Estudos Gerais; 2-Torre da Universidade; 3-Via Latina; 4-Porta Fétrea; 5-Faculdade de Letras (1945-51, do Arq.º Alberto Pessoa); 6-Faculdade de Medicina (1949-56, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz) ; 7-Estátua de D. Dinis (inaugurada em 1943, de Francisco Franco); 8-Colégio de S. Jerónimo (pertencente à Universidade) ; 9-Portaria do Hospital (anos 1930, do Arq.º Luís Benavente) ; 10-Escadas Monumentais (1947-50, do Arq.º Cottinelli Temlo) ; 11-Faculdade de Matemática (1964-69, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz); 12-Faculdade de Ciências (1966-75, do Arq.º Lucínio Guia da Cruz, departamentos de Física e Química); 13-Biblioteca Geral (1942-56, do Arq.º Alberto Pessoa, adaptação da anterior Faculdade de Letras); 14-Estátua de D. João III (1944-50, de Francisco Franco); 15-Auditório da Faculdade de Direito (1993-2000, do arq.º Fernando Távora)

Reconstituição exacta ou com alto grau de certeza

Conclusão

Os documentos gráficos são de grande importância para demonstrar em termos concretos a evolução da Rua Larga e da arquitectura que a caracterizou ao longo dos oito séculos abrangidos. Através deles é possível tirar conclusões sobre aquilo que foi modelando este eixo e este núcleo da cidade.

Um dos aspectos essenciais a referir é o papel da Universidade. Desde o século XIV, que o ensino universitário foi aumentando a sua importância, e foi ele o grande dinamizador e renovador do espaço urbano. Começou com um edifício, os Estudos Gerais, em 1308 e em 1537 apoderou-se do Palácio Real. Ao longo dos séculos XVI e XVII os colégios foram-se multiplicando até que, já em meados do século XX, surgiu uma nova cidade na alta, quase que exclusivamente universitária. Apesar da importância do ensino na vida da Rua Larga e da Alta, hoje em dia verifica-se que a excessiva monofuncionalidade pode trazer aspectos negativos como congestionamento e sazonalidade, sendo desejável resgatar algumas das funções que se foram perdendo.

Outro aspecto que se pode observar, nomeadamente através da comparação das plantas das várias épocas é a natureza e organização funcional do aglomerado urbano. Um tipo mais orgânico que poderá ter existido no período medieval, transforma-se, a partir do Renascimento em arruamentos tendencialmente ortogonais, sendo a Rua Larga dominante. Com a intervenção de raiz do Estado Novo, o conjunto passa a ser perfeitamente axial.

Mais óbvias, mas também relevantes, são as considerações de escala que se podem fazer. Por exemplo o Paço Real, que por muito tempo foi um dos maiores edifícios, actualmente não se consegue destacar dos imensos blocos de faculdades. Um também forte aumento de escala se podia ter concretizado através dos edifícios projectados no século XVIII.

Como se referiu na introdução, a Rua Larga é um caso especial, tendo em conta toda a sua existência. Com a elaboração dos desenhos foi possível fazer quase que uma síntese da arquitectura da cidade. Começou-se pela arquitectura romana, passando pela islâmica, gótica, renascentista e barroca até à neoclássica, “fascista” e moderna.

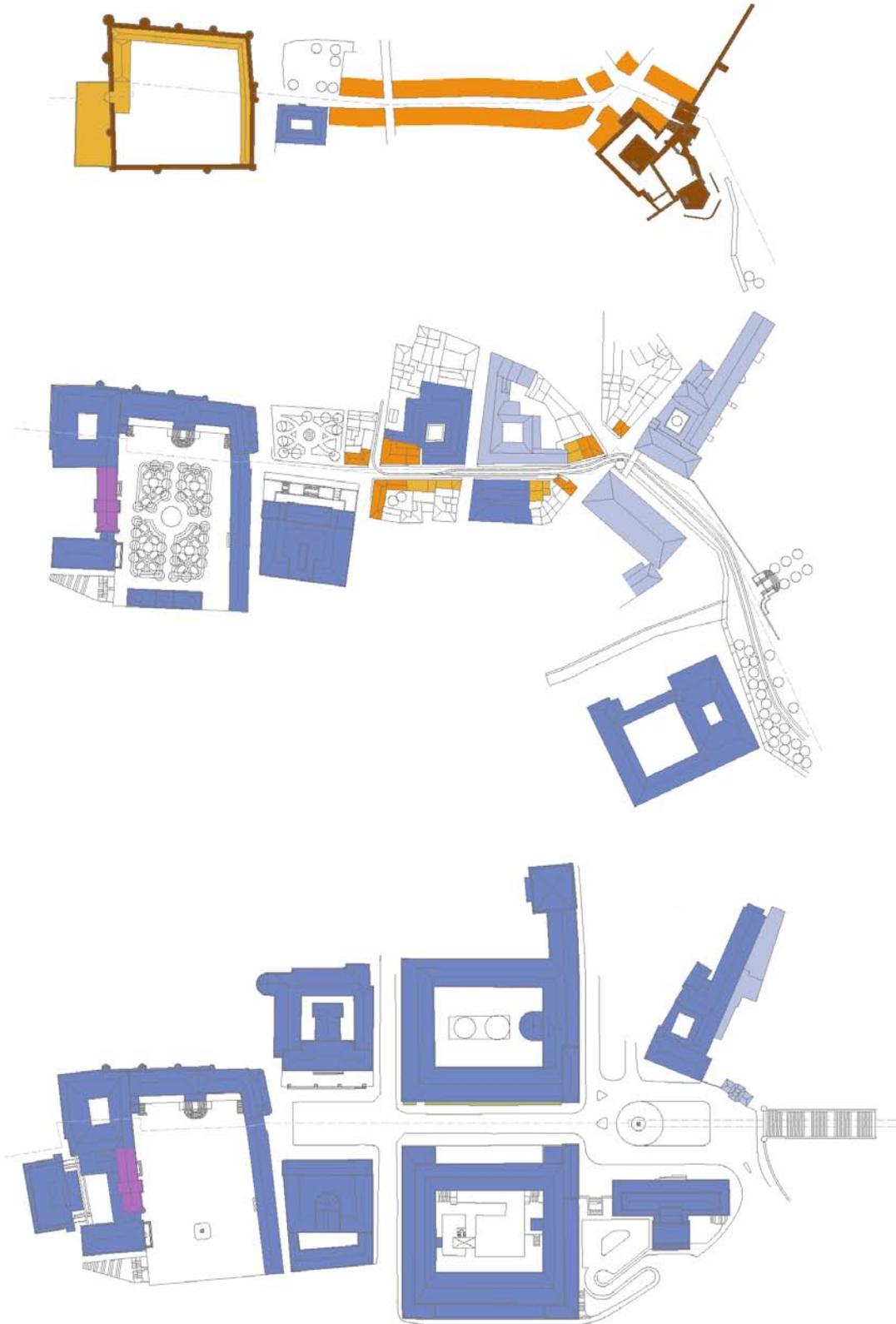


Fig. 77 – Miniatura das plantas de funções da Rua Larga. De cima para baixo: 1377, 1934, 2010. Em tons alaranjados, habitação e comércio. Em azul, ensino e outros serviços.

Tendo em conta o carácter de recolha, exposição e síntese que o trabalho evidencia, este pode vir a ser o ponto de partida para outras investigações. Sabendo que ainda há muita informação por descobrir, principalmente relativa aos tempos mais antigos, será possível rectificar ou pormenorizar as reconstituições que aqui foram feitas.

Bibliografia

ALARCÃO, Jorge – **Coimbra: a montagem do cenário urbano**. Coimbra : Imprensa da Universidade, 2008. ISBN 9789898074300.

ALFAIATE, Augusto – Universidade. [Em Linha] [Coimbra : regioacetro.net], s.d. [Consult. 28 Ago. 2010]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.regioacetro.net/lugares/coimbra/universidade/index.html>

ALVES COSTA, Alexandre – A obra de Fernando Távora, um caso de coerência conceptual e metodológica. [Em linha] Coimbra : Reitoria da Universidade.2008 [Consult. 18 Nov. 2010] Disponível em WWW:<URL: http://www.uc.pt/rualarga/anteriores/RL20/20_07

ARAÚJO, Ana Cristina – **A cultura das luzes em Portugal : temas e problemas**. Lisboa : Livros Horizonte, 2003. ISBN 9722412338

Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – **A Velha Alta... desaparecida**. 2.^a ed. Coimbra : Almedina, 1991. ISBN 9724006433

BONIFÁCIO, Horácio, GORDALINA, Rosário, OLIVEIRA, Lina – Paços da Universidade de Coimbra. [Em Linha] [Coimbra : s.n.], 1991, 1997, 2003, actual. 2006. [Consult. 16 Dez. 2009]. Disponível em WWW:<URL: http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B1.aspx

BRANDÃO, Mário – Documentos de D. João III. Coimbra : Alves & Mourão, 1938. vol. 2.

Broad Street, Oxford [Em linha] [s.l. : s.n.], actual. 2010. [Consult. 16 Out. 2010]. Disponível em WWW:<URL: http://en.wikipedia.org/wiki/Broad_Street,_Oxford

CARNEIRO, Luís Soares – Teatros portugueses de raiz italiana. Porto : [s.n.], 2002. 2 vol.
Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da
Universidade do Porto

Coimbra, Requalificação da alta universitária, Gonçalo Byrne [Em Linha] Coimbra : Diário
de Coimbra, 2010. [Consult. 12 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL:
<http://www.arquitectura.pt/forum/f29/coimbra-requalifica-da-alta-universit-ria-gon-alo-byrne-14748/>

Coimbra Rota da 1ª Dinastia parte3: As muralhas e os castelos de Coimbra. [Em Linha]
[Coimbra : Inovmapping], 2009. [Consult. 6 Ago. 2010]. Disponível em WWW:<URL:
http://www.rotas.turismodecoimbra.pt/visita_guiada.html

Coimbra Rota da 1ª Dinastia parte4: “Aqui se fez Portugal”. [Em Linha] [Coimbra :
Inovmapping], 2009. [Consult. 6 Ago. 2010]. Disponível em WWW:<URL:
http://www.rotas.turismodecoimbra.pt/visita_guiada.html

CORREIA, António – **Toponímia Coimbrã**. Coimbra : Edição da Biblioteca Municipal,
1952. vol. 2.

CORREIA, Virgílio, GONÇALVES, António Nogueira – **Inventário Artístico de Portugal
: cidade de Coimbra**. Lisboa : Academia Nacional de Belas Artes, 1947.

dARQ/FCTUC – *Visões Urbanas para a Alta de Coimbra*. (exposição). Coimbra : Museu
Nacional Machado de Castro, 2009. Disponível em WWW:<URL:
<http://mnmachadodecastro.imc-ip.pt/pt-PT/exposicoes/jarealizadas/ContentDetail.aspx?id=950>

Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura – Universidade. Lisboa : Verbo, 1980. vol.18

ESPOSITO, António, LEONI, Giovanni – **Fernando Távora, opera completa**. Milão : Electa, 2005.

Fernando Távora. – [Em Linha] [s.l.] : [s.n.], actual. 2010. [Consult. 21 Nov. 2010]
Disponível em WWW:<URL: http://pt.wikipedia.org/wiki/Fernando_T%C3%A1vora

FRANCO, Matilde – **Riscos das Obras da Universidade de Coimbra**. Coimbra : Museu Nacional de Machado de Castro, 1983.

FREITAS, Maria – A Vila Medieval. [Em Linha] Castro Marim : [s.n.], actual. 2009.
[Consult. 20 Ago. 2010]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.cm-castromarim.pt/site/index.php?module=ContentExpress&func=display&ceid=25>

Gabinete para o Centro Histórico – Casa Medieval. [Em Linha] Coimbra : Câmara Municipal, s.d. [Consult. 20 Ago. 2010]. Disponível em WWW:<URL: http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=190&Itemid=468

GAMA, António Mendes – Descrição e Depozito dos Bens deste Collegio de S. Boaventura da Feira. Coimbra : [s.n.], 1834.

GASPAR, Jorge – A Cidade Portuguesa na Idade Média, aspectos da estrutura física e desenvolvimento funcional. La Ciudad Hispanica. [Em Linha] Madrid : Editorial de la Universidad Complutense. (1985), p.133-147. [Consult. 17 Out. 2010.] Disponível em WWW:<URL: http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/PerfilHistoriador/A_Cidade_Portuguesa_na_Idade_Media.pdf

GRANDE, Nuno – Coimbra: 3 pólos universitários, 3 “faces” da arquitectura portuguesa. Rua Larga. Coimbra : Reitoria da Universidade. ISSN 1645765x. (2010), vol. 29. p.58-65.

Gropecunt Lane [Em Linha] [s.l. : s.n.], actual. 2010. [Consult. 16 Out. 2010]. Disponível em WWW:<URL: http://en.wikipedia.org/wiki/Gropecunt_Lane

HOUART, Jacques, AREIA, Manuel, MIRANDA, Maria, outros – **Cem anos de Antropologia em Coimbra**. Coimbra : Museu e Laboratório Antropológico, 1985.

JORGE, Filipe, BANDEIRINHA, José António – **Coimbra vista do Céu**. Lisboa : Argumentum, 2003. ISBN 9728479301.

LOBO, Rui Pedro – Os colégios universitários de Coimbra. Monumentos. Lisboa : DGEMN. ISSN 08728747. (2006), vol. 25. p.32-45.

LOBO, Rui Pedro – **Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo**. Coimbra : Edições do Departamento de Arquitectura da F.C.T.U.C., 1999. ISBN 9729738327

LOUREIRO, José Pinto – **O Teatro em Coimbra : elementos para a sua história**. Coimbra : Câmara Municipal, 1959.

MARTINS, Carlos, FIGUEIREDO, Fernando – O Observatório Astronómico da Universidade de Coimbra, 1772-1799. Rua Larga. Coimbra : GCI. ISSN 1645765x. (2008), vol. 21. p.58-61.

PAIXÃO, António Miguel – Autos de Inventário do Collegio de S. Paulo Ermitã. Coimbra : [s.n.], 1834.

PIÇARRA, Sofia – Prepara-se uma revolução na Alta Universitária. [Em linha]. Coimbra : [s.n.], 2009. [Consult. 11 Nov. 2010]. Disponível em WWW:<URL: <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=560118&page=99>

PIMENTEL, António Filipe – **A Morada da Sabedoria**. Coimbra : Almedina, 2005. ISBN 9724027473

PIMENTEL, António Filipe – *António Canevari e a torre da Universidade de Coimbra*. Artistas e Artífices. VII Colóquio Luso-Brasileiro de História da Arte. Porto: F.L.U.P., 2005 p.49-58.

PIMENTEL, António Filipe – *Torre da Universidade de Coimbra*. Ciclo de palestras No Alto da Torre. Coimbra : Museu da Ciência, 2010.

PINTO, Ana, MEIRELES, Fernanda, CAMBOTAS, Manuela – **História da Arte ocidental e portuguesa, das origens ao final do século XX**. Porto : Porto Editora, 2001. ISBN 9720062385

RABAÇA Carlos, SERRA M. V. – **Rua Larga**. Rio de Janeiro : Documenta Histórica Editora, 2009. ISBN 8599505335

ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte, O Estado Novo e a Cidade Universitária de Coimbra. Coimbra : [s.n.], 2001. Tese de Doutoramento em História Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras de Coimbra

ROSMANINHO, Nuno – **O princípio de uma “revolução urbanística” no Estado Novo**. Coimbra : Minerva, 1996. ISBN 9729130000

ROSMANINHO, Nuno, ROSSA, Walter, MACEDO, Marta, outros – **Evolução do Espaço físico de Coimbra**. Coimbra : G.C. Gráfica de Coimbra Lda., 2006. ISBN 9892001036

ROSSA, Walter – Diversidade, Urbanografia do espaço de Coimbra até ao estabelecimento definitivo da Universidade. Coimbra : [s.n.], 2001. Dissertação de Doutoramento em Arquitectura

TRINDADE, Luísa – **A Casa Corrente em Coimbra, dos finais da Idade Média aos inícios da Época Moderna.** – Coimbra : Câmara Municipal, 2002. ISBN 9729754284

TRINDADE, Luísa – Urbanismo na composição de Portugal. Coimbra : [s.n.], 2009. Tese de Doutoramento em História (História da Arte) apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

VASCONCELOS, António de – **Os Colégios Universitários de Coimbra.** Coimbra : Coimbra Editora Lda., 1938.

VASCONCELOS, António de – **Escritos vários relativos à Universidade Dionisiana.** Coimbra : Coimbra Editora, 1938-41. vol. 1.

VILAS BOAS, Rúben, NUNES, Tiago, FERNANDES, Patrícia, NEVES, Marina – *Alta Co(n)vida.* Coimbra : [s.n.] 2009. 27 diapositivos : color.

Fontes das imagens

- 1ª página - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.1
- Fig. 1 - http://en.wikipedia.org/wiki/File:Broad_Street,_Oxford.jpg
- Fig. 2 - http://www.alerj.rj.gov.br/livro/pag_29.htm
- Fig. 3 - http://imagemcognitiva.blogspot.com/2007/10/blog-post_15.html
- Fig. 4 e 5 - imagens do autor
- Fig. 6 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.65
- Fig. 7 - PIMENTEL, António Filipe – A Morada da Sabedoria. 2005. p.161
- Fig. 8 - ROSMANINHO, Nuno, outros – Evolução do Espaço físico de Coimbra. 2006. p.132
- Fig. 9 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.8
- Fig. 10 - *Ibidem* p.196
- Fig. 11 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.198
- Fig. 12 - PIMENTEL, António Filipe – A Morada da Sabedoria. 2005. p.282
- Fig. 13 - *Ibidem* p.283
- Fig. 14 - <http://ccscoimbra.blogspot.com/2009/01/o-departamento-de-cultura-promove.html>
- Fig. 15 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.65
- Fig. 16 - disponível a partir de http://www.cm-coimbra.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=190&Itemid=468
- Fig. 17 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.85
- Fig. 18 - TRINDADE, Luísa – A Casa Corrente em Coimbra. 2002. p.76
- Fig. 19 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.16
- Fig. 20 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.37
- Fig. 21 - PIMENTEL, António Filipe – A Morada da Sabedoria. 2005. p.479
- Fig. 22 - Fotografia do autor, 2010
- Fig. 23 - ALARCÃO, Jorge – Coimbra: a montagem do cenário urbano. 2008. p.8
- Fig. 24 e 25 - Colecção do Museu Nacional Machado de Castro
- Fig. 26 - LOBO, Rui Pedro – Os Colégios de Jesus, das Artes e de S. Jerónimo. 1999. p.63 e 65
- Fig. 27 - *Ibidem* p.64
- Fig. 28 - VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. p.103
- Fig. 29 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.10
- Fig. 30 - ROSSA, Walter – Diversidade 2001. p.813
- Fig. 31 - Fotografia do autor, 2009

Fig. 32 - <http://bloguecentelha.blogspot.com/2007/12/o-governo-civil-desaparecido.html>

Fig. 33 - VASCONCELOS, António de – Os Colégios Universitários de Coimbra. 1938. p.79

Fig. 34 - <http://guitarradecoimbra.blogspot.com/2007/03/priso-acadmica-fachada-principal-do.html>

Fig. 35 - LOBO, Rui Pedro – Os colégios universitários de Coimbra. Monumentos. (2006), vol. 25.

p.41

Fig. 36 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.66

Fig. 37 - Documento digital cedido pelo Prof. Carlos Martins, Arquivo da FBNRJ

Fig. 38 e 39 - http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_B1

Fig. 40 - a partir de FRANCO, Matilde – Riscos das Obras da Universidade de Coimbra. 1983. p.45

Fig. 41 - FRANCO, Matilde – Riscos das Obras da Universidade de Coimbra. 1983. p.43

Fig. 42 - <http://mnmachadodecastro.imc-ip.pt/pt-PT/coleccoes/Desenho/ContentDetail.aspx?id=115>

Fig. 43 - https://bdigital.sib.uc.pt/bg6/UCBG-MS-3377-5/UCBG-MS-3377-5_item1/UCBG-MS-3377-5_JPG/UCBG-MS-3377-5_JPG_24-C-R0120/UCBG-MS-3377-5_0001_1_t24-C-R0120.jpg

Fig. 44 e 45 - Colecção do Museu Nacional Machado de Castro

Fig. 46 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.34

Fig. 47 – ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte, 2001. p.IV-27

Fig. 48 – Imagoteca da Casa Municipal da Cultura, Coimbra

Fig. 49 - <http://www1.ci.uc.pt/illp/historico/index.html>

Fig. 50 - LOBO, Rui Pedro – Os colégios universitários de Coimbra. Monumentos. (2006), vol. 25.

p.124

Fig. 51 - HOUART, outros – Cem anos de Antropologia em Coimbra. 1985. p.98

Fig. 52 - *Ibidem* p.130

Fig. 53 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.40

Fig. 54 - *Ibidem* p.32

Fig. 55 - Documento digital possuído pelo dARQ, FCTUC

Fig. 56 - Imagoteca da Casa Municipal da Cultura, Coimbra

Fig. 57 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.44

Fig. 58 - *Ibidem* p.38

Fig. 59 - *Ibidem* p.5

Fig. 60 - *Ibidem* p.48

Fig. 61 - http://www.monumentos.pt/Monumentos/forms/002_B2.aspx?CoHa=2_

Fig. 62 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.53

Fig. 63 - B1<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=368636>

- Fig. 64 - Documento digital cedido pela Prof. Cátia Marques, Arquivo da Universidade
- Fig. 65 - Associação dos Antigos Estudantes de Coimbra – A Velha Alta... desaparecida. 1991. p.49
- Fig. 66 - Documento digital cedido pela Prof. Cátia Marques, Arquivo da Universidade
- Fig. 67 - http://4.bp.blogspot.com/_LPKiUIBcZPE/R0hWSuv3CII/AAAAAAAAAE_4/10vamVWBCiM/s1600-h/Cidade+Universitaria+ANunes.jpg
- Fig. 68 - ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte, 2001. p.III-25
- Fig. 69 - *Ibidem* p.VI-3
- Fig. 70 - Fotografia do autor, 2010
- Fig. 71 - ROSMANINHO, Nuno – O Poder da Arte, 2001. p.VI-30
- Fig. 72 - JORGE, Filipe, BANDEIRINHA, José António – Coimbra vista do Céu. 2003. capa
- Fig. 73 - Documento possuído pelo autor, autoria de Gonçalo Byrne
- Fig. 74 - http://en.wikipedia.org/wiki/File:Rua_Larga_at_Coimbra_University.jpg
- Fig. 75 - <http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=401918&page=2>
- Fig. 76 - Projecto “Alta Co(n)vida” do autor e outros colegas de turma, 2008/09
- Fig. 77 - imagem do autor

Índice

<i>Aeminium</i>	10,11,12	Escadas de Minerva	35,74,76,92,94
Alarcão, Jorge	3,9,16,19,21	Escadas do Liceu	47,80,82
Alberto Pessoa	53,86,88,92,94	Escadas Monumentais	50,51,86,92
Alcáçova	5,11,12,13,21,62,64	Estado Novo	9,49
Antonio Canevari	35,74,76	Praça D. Dinis	50,51,85,91
Aq. de S. Sebastião	23,29,31,68,70,80,82	Estudos Gerais	7,17,19,62,64
Biblioteca Geral	53,86,88,92,94	Faculdade de Ciências	53,86,88,92,94
Biblioteca Joanina	34,35,74,92	F. Letras (Alberto Pessoa)	53,86,88,92,94
Byrne, Gonçalo	54,55,56	F. Letras (Silva Pinto)	40,41,80,82
CAPOCUC	1,49,51,55	F. Matemática	51,53,86,88,92,94
Casas medievais	21,22,23,63,64	F. Medicina	51,53,86,88,92,94
Castelo	5,11,13,16,17,33,62,64,68,70	Idade Média	3,11,17
Cidade Universitária	9,48,49,50,85,91	Instituto de Antropologia	42,43,80,82
Colégio Real de São Paulo	26,27,68,70	Lobo, Rui	1,28,31
C. de S. Paulo (Azzolini)	38,39,74,76	Lucínio Guia da Cruz	51,86,88,92,94
C. de S. Paulo Eremita	38,39,43,74,76,82	Marcos Pires	25,68,70
C. de S. Pedro	27,68,80,92	Monumento a Camões	46,47,80,82
C. de S. Bento	28,29,31,68,70,74,76,80,82	O. Astronómico (Elsden)	34,36,37,74,76
C. de S. Boaventura	30,31,43,68,70	O. Astronomico (Macomboia)	36,37,74,82
C. de S. Jerónimo	27,28,41,68,70,80,92	Paço Real	3,13,17,18,25,62,64
C. de S. João Evangelista	29,31,43,68,80	Pimentel, António	1,3,9,21,27
Cottinelli Telmo	49,51,86,88,92,94	Porta do Sol	11,13,17
Cristino da Silva	49,51	Porta Férrea	27,68,76,80,94
D. Afonso Henriques	17	Projecto “Alta Co(n)vida”	55,56
D. Afonso IV	7,19	Reforma pombalina	7,35,37
D. Dinis	15,19	Rossa, Walter	3,9,21
D. Fernando	17,19	Salazar	49
D. João III	15,25,27	Távora, Fernando	57,92,94
D. Manuel I	25	Torre da Universidade	34,35,74,76,82,94
D. Sancho I	17	Torre de João de Ruão	25,26,27,68,70
Diogo de Castilho	27	Teatro Académico	41
		Via Latina	34,35,74,76,88,94
		Walter Distel	51,86,88